

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ROMERO, Claudio Faria. Claudio Faria Romero (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 6min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Claudio Faria Romero
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda;

Técnico de gravação: Thiago Augusto Esteves Kunis;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 09/03/2015 a 09/03/2015

Duração: 4h 6min

Arquivo digital - áudio: 5; Arquivo digital - vídeo: 5; MiniDV: 5;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anistia política; Anos 1960; Anos 1970; Atividade profissional; Clube de Regatas do Flamengo ; Copa do Mundo; Elites; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Exército; Família; Formação acadêmica; Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo); História; Infância; Manuel Francisco dos Santos (Mané Garrincha) ; Militância política; Paulo Egydio Martins; Pernambuco; Perseguição política; Protesto político; Redemocratização; Santos Futebol Clube; São Paulo; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Torcidas de futebol; Universidade de São Paulo; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 09.03.2015 Apresentações iniciais; a cidade natal, São Paulo; origens familiares; a origem do nome Cláudio Romero; lembranças da infância e os primeiros contatos com o Sport Clube Corinthians Paulista; a primeira ida ao Estádio ver o jogo do Corinthians no Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); a ida aos jogos na década de 60; a estreia de Mané Garrincha no Corinthians; a diretoria do Corinthians; a relação dos torcedores com Wadih Helu; o início da ideia de se formar uma torcida organizada; o contato com os jogadores; a rentabilidade dos clubes atualmente; os jogos de basquete do Corinthians; a escolha do nome “Gaviões da Fiel”; a participação da torcida Camisa 12 no movimentos da anistia; a fundação da Gaviões da Fiel; os deslocamentos da torcida para assistir aos jogos; a relação com a torcida do Clube Atlético Mineiro; as primeiras brigas entre torcidas e o crescimento da Gaviões; o DOI-Codi como agente de repressão das torcidas; o jogo em que Frei Betto anuncia morte de Carlos Marighella; a Copa do Mundo de 1970; a posição política de Chico Malfitani e de Flávio La Selva; a queda de Wadih Helu; o líder da Gaviões em 69/70, Inatê José da Silva; o presidente Luiz Antônio Achôa Mezher (Magrão); a eleição de Miguel Martínez como presidente do Corinthians; a saída de Flávio da presidência da Gaviões; as mudanças de sedes; a suspensão na Gaviões e o episódio no restaurante Lago Azul; a fundação da Torcida Jovem Camisa 12; o surgimento de novas torcidas na década de 60 e 70; a queda do avião da Torino Football Club em 1949; a refundação da Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp) e da Torcida Tricolor Independente; a escolha do nome “Camisa 12”; as dificuldades de locomoção da torcida; episódios de excursões, jogos e brigas; a história do porco da Sociedade Esportiva do Palmeiras; a relação com Paulo Rogério de Aquino (Paulinho Serdan) da Torcida Mancha Verde; a relação com o presidente da Gaviões, Cláudio Alves Simões; as bandeiras no estádio; o comportamento da torcida corinthiana nos jogos; a saída de Roberto Rivellino; o jogo contra o Palmeiras na final do Campeonato Paulista em 1974; as mudanças de sede da Camisa 12; a rivalidade entre Gaviões e Camisa 12; a questão financeira da torcida organizada; a conciliação entre trabalho e torcida; as gestões presidenciais do Corinthians; a participação de Paulo Egydio na invasão do Maracanã; a origem da torcida Mancha Verde; a viagem para Recife; as músicas da torcida; a formação em história pela Universidade de São Paulo (USP) e a trajetória acadêmica; o curto período como professor; perseguição política e idas às

manifestações; a relação com Walter Feldman; a participação da Camisa 12 na festa da conquista em 1977; o jogo do Atlético e o Clube de Regatas do Flamengo; a amizade com as torcidas do Flamengo; o papel mediador da Camisa 12 e a rivalidade entre as torcidas; a experiência na Arena Corinthians e a origem popular do Corinthians; as negociações dos Clubes de futebol; as torcidas no carnaval e a história do envolvimento da Camisa 12 com o carnaval; os enredos da Camisa 12; o período como presidente da torcida; Gaviões em comparação à Camisa 12 e a proposta de integração; episódios de brigas entre torcidas; a faixa estendida no jogo do Santos Futebol Clube contra Corinthians no período de redemocratização; as atuais escolhas dos enredos de Carnaval; questões financeiras do Corinthians e os Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento (CID's); a proibição das bandeiras nos estádios; a elitização do futebol; o filho professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a família; agradecimentos finais.

Entrevista: 09/03/2015

B.B. – ...do Futebol, dia 9 de março de 2015, gravação de entrevista com Claudio Faria Romero, fundador da Camisa 12, também conhecido como Vila Maria. Esse é o projeto Territórios do Torcer, que é uma parceria entre a Fundação Getulio Vargas e o Museu do Futebol. No dia de hoje, participam dessa gravação: o professor José Paulo Florenzano, Aira Bonfim e Bernardo Buarque. Então, Vila Maria, boa tarde. Muito obrigado por ter vindo aqui ao Museu, por se disponibilizar a conversar conosco sobre suas lembranças da sua trajetória no futebol, no Corinthians, na Camisa 12, e eu gostaria de começar, Claudio, perguntando... Vila Maria, te perguntando se você nasceu aqui na cidade de São Paulo.

C.R. – Nasci em São Paulo. Nasci no Pari e com três meses fui para a Vila Maria, que... E estou lá até hoje.

B.B. – Perdão. Em que ano você nasceu?

C.R. – Em 1954.

B.B. – Em 1954. E conta um pouquinho sobre as suas origens familiares. Seus pais e seus avós também eram paulistanos? São paulistanos?

C.R. – Meu avô por parte de mãe é português e por parte de pai é brasileiro, mas de descendência espanhola.

B.B. – Imigrantes.

C.R. – Da parte da minha mãe é português, como eu falei, e minha avó também era portuguesa, e por parte do meu pai, a minha avó tinha descendência indígena. Então foi uma mistura da Península Ibérica com os que eles acharam aqui quando vieram.

B.B. – Sim, sim. E qual era a atividade deles, do seu pai, seus avós...?

C.R. – No último instante, do que eu sei do meu avô paterno, ele tinha uma bicicletaria lá em Rio Claro. Ficou uns dez anos lá. A minha parte que... depois de 1954. E meu avô tinha uma mercearia de secos e molhados na época, na rua... numa travessa da Silva Telles, a Mendes Júnior. Inclusive era grande, a venda lá. Eles eram treze filhos: três mulheres e dez homens. Só um não era corintiano.

B.B. – E você, eram quantos irmãos?

C.R. – Eu e mais dois.

B.B. – Mais dois. E também só um corintiano?

C.R. – Eu sou o mais... É todo mundo corintiano.

B.B. – Todo mundo corintiano.

C.R. – Senão era deserdado. Eu sou o mais novo. Meu pai, já falando disso... Eu nasci em 1954, e uma das coisas... Minha mãe queria [para] meu nome Sílvio. Mas meu pai era corintiano de ir em jogo e tudo, e o Corinthians tinha o Claudio, que era conhecido como o maestro, o jogador que mais marcou gol no Corinthians, o Claudio Christóvam de Pinho. Minha mãe ficou no hospital, ele foi lá e registrou Claudio.

B.B. – Em 1954, que foi o ano do quarto centenário e do título do Corinthians.

C.R. – É. E eu nasci em julho e... Mas aquele campeonato acabou em fevereiro – acho que foi dia 9 de fevereiro, se eu não me engano. Acabou em 1955.

B.B. – Sim, sim.

C.R. – E depois eu peguei aquela estiagem toda lá. Foi ser campeão de um torneio importante em 1977.

B.B. – Então, viu o Corinthians pela primeira vez campeão aos 23 anos. Porque isso...

C.R. – Com 22...

B.B. – Com 22 anos para 23.

C.R. – Saindo para 23 já. Não completou 23 anos de fila porque foi em 1955 que acabou... A gente conta isso aí. [Foram] 22 anos e 8 meses.

B.B. – E das suas lembranças de infância, você já desde menino gostava de jogar futebol?

C.R. – Eu era ruim de bola.

B.B. – Você era ruim de bola? Não tinha nada...?

C.R. – Eu jogava, mas... Mas eu me lembro que desde criança, com 6 ou 7 anos, eu já ficava no radinho ouvindo o jogo. Tenho lembrança até daquela Copa do Mundo de 1962, que não tinha televisão ainda. Foi no Chile. Lembro de ter ouvido aquele jogo famoso em que o Brasil virou contra a Espanha, que o Nilton Santos deu aquele passinho para trás lá, para não dar o pênalti; dois gols do Amarildo. Então eu me lembro muito disso.

B.B. – Que gostava de acompanhar pelo rádio.

C.R. – Meu quarto já tinha flâmula do Corinthians para tudo que é lado. Depois ficou pior, quando eu cresci, porque aí já comecei a [inaudível] de jornal.

B.B. – Mas foi uma influência na escola ou foi já na...?

C.R. – É de família.

B.B. – É de família.

C.R. – Mas eu não sei se é só de família, não. Porque, quando a gente gosta, tem alguma coisa que... Meu pai acompanhava o Corinthians. Meu pai ia atrás. Não era no grau que depois eu fui, porque, nos primeiros anos meus, eu fui... Eu fiquei quatro anos sem perder um jogo do Corinthians aqui no Brasil. No Brasil. Então era outro nível. Depois a gente...

B.B. – E nesse primeiro momento, você... Você falou que seu pai ia aos jogos. Você ia, acompanhava ele?

C.R. – É interessante. O primeiro jogo que eu entrei num estádio foi no Rio de Janeiro. Eu estava em férias no Rio de Janeiro e fui assistir a um Corinthians e Bangu. Nem me lembro. Meu pai estava de férias lá, foi no Maracanã, eu tinha 5 anos, ele me... O primeiro estádio que eu entrei foi o Maracanã. Mas com 8 ou 9 anos eu já ia no Parque São Jorge: no começo, com meu pai e meus irmãos mais velhos; depois comecei a escapar de casa e ir a pé para o Parque São Jorge. Da Vila Maria, tinha uns caminhos lá... O rio Tietê tinha umas pontes de madeira com uns tambores que seguravam. Então, mentia em casa, “vou jogar bola com os amigos”, e ia para o jogo. Só que tinha vezes que não dava para mentir, porque... Quando chovia, era terrível. O caminho era cheio de barro, e essa ponte aí do rio Tietê, quando chovia, o rio ficava com mais volume de água e essa ponte... Era uma aventura. Era uma aventura que a gente não esquece.

B.B. – Então isso, provavelmente, anos 1960.

C.R. – Em 1964, 1965 e 1966.

B.B. – E a maioria dos jogos era no Parque São Jorge?

C.R. – No Parque São Jorge. Os clássicos eram no Pacaembu, aqui no Pacaembu, e os jogos de casa eram mais no Parque São Jorge.

B.B. – Aqui no Pacaembu, você tem recordação de...

C.R. – De muitos jogos.

B.B. – Mas eu digo a primeira vez...

C.R. – Em 1964...

B.B. – Em 1964.

C.R. – ...eu vim numa derrota aqui, sete a quatro para o Santos. Foram quatro gols do Pelé. O Corinthians jogou três jogos: contra a Portuguesa, contra o Palmeiras e contra o Santos. Precisava ganhar um jogo para ser campeão. Era dois pontos, naquela época; não era três pontos. Perdeu de quatro a um do Palmeiras; de quatro a dois da Portuguesa; e se ganhasse do Santos era campeão. Até que marcou quatro, mas levou sete. Virou dois a dois, o jogo. Um a zero, um a um, dois a um, dois a dois, e virou dois a dois. No segundo tempo... E você não via um santista nesse estádio. Você, de binóculos, você não...

B.B. – Em 1964. Você tinha 10 anos de idade, então, quando veio pela primeira vez ao Pacaembu.

C.R. – Não. Eu já tinha vindo.

B.B. – Já tinha vindo.

C.R. – Mas esse jogo foi o...

B.B. – Esse jogo foi marcante.

C.R. – ...o que marcou, mesmo.

B.B. – E o Pacaembu...

C.R. – Esse estádio aqui não cabia mais... Naquela época, não tinha o tobogã, o tobogã veio bem depois, mas se colocava público aqui... 65 mil toda hora, 63 [mil].

J.F. – Você veio na estreia do Garrincha?

C.R. – Vim, em 1966.

J.F. – Contra o Vasco, não é?

C.R. – É. Três a zero para o Vasco. O Garrincha pegou três vezes na bola, nesse jogo, eu nunca esqueço. O estádio tinha... Esse jogo tinha 66 mil pessoas.

B.B. – Então, nesse momento, você já começa a frequentar com regularidade, em meados dos anos 1960.

C.R. – Inclusive, um vizinho meu era conselheiro do Corinthians e tinha um amigo dele que vinha com uma perua, e ele me levava. Nessa época, eu já ia para Jundiaí... Os times mais pertinho aqui, Campinas, Jundiaí, Piracicaba, em 1966 e 1967, eu já...

B.B. – Era uma época em que os campeonatos estaduais eram os mais importantes.

C.R. – Tinha o Rio-São Paulo e o... Em 1966...

B.B. – O Robertão.

C.R. – Em 1966 foi aquele ano que ficaram quatro campeões: Vasco, Botafogo, Corinthians e Santos. Um jogo no fim do ano aqui, o Corinthians pegou os reservas do Santos. Nem os reservas. O Santos estava viajando. O Corinthians tinha seis pontos perdidos; o Santos, seis pontos; o Botafogo, sete perdidos; e o Vasco, cinco. Se o Corinthians ganhasse do Santos, ele era campeão. Ele jogou com os reservas do Santos. Nem reservas, porque os reservas estavam viajando, também. Empatou zero a zero, aqui.

J.F. – O Garrincha perdeu o pênalti, nesse jogo.

C.R. – Agora você me pegou. Acho que não. Não teve, não. Não foi nesse jogo.

J.F. – Então foi outro.

C.R. – Não teve. Só sei que o Botafogo ganhou de três a zero do Vasco e todo mundo ficou com sete pontos perdidos, porque se contava perdido, naquela época. E aí, como não tinha [inaudível], foi proclamado quatro campeões. Eu tinha só 12 anos. Mas você imagina você pegar um time reserva do reserva e depender de uma vitória para ser campeão, e o Corinthians precisando ser campeão. Porque o Rio-São Paulo também contava. Porque o último campeonato... O Corinthians tinha sido três vezes campeão no Rio-São Paulo, mas o último também foi em 1954. [O Corinthians foi campeão] em 1950, 1953 e 1954. Também estava na fila no Rio-São Paulo. Saiu da fila assim, acompanhado com três companheiros. Mas jogou contra... nem os reservas do Santos. Não dava nada certo no Corinthians, a verdade é essa. Na década de 1960 e começo de 1970... No começo de 1970 já começou a melhorar um pouquinho, mas na década de 1960 não dava nada, o Corinthians... Além de serem times fracos, também. Não foi só azar. Foi esse um dos motivos que a gente vai chegar nos Gaviões aí e vai chegar na Camisa 12. Porque o [Grêmio] Gaviões [da Fiel] foi fundado em 1969 por causa desse período em que não ganhava nada e não tinha muito do que reclamar: azar... Formou um ou dois times. Em 1969, tem um time razoável, o Rivellino já estava despontando bem e tudo, mas não tinha muitos companheiros para ele, não.

B.B. – Em 1969, então, você já tinha 15 anos de idade e já era ativo, presente nos jogos.

C.R. – Você veja bem, em 1967, começou a aparecer o pessoal levando bandeiras grandes para o estádio, bandeiras com bambu ou com aqueles canos de PVC. Então, o que começou a acontecer? Lá no Corinthians tinha um pessoal... O Wadih, na época, o presidente, ele patrocinava uma batucada lá, mas era mais para abafar a vaia, mais para ter algum controle na torcida. Então esse pessoal, os corintianos que gostavam de bandeira, o que acontecia? Cada um fazia a sua bandeira e levava. Dava um jeito. E começava a... “Ah, vamos ficar junto... a bandeira...” Então começou a ficar... O pessoal começou a sentar no mesmo lugar no estádio. Aí começou a aparecer um cara com um instrumento, um outro levava, então se combinava, “eu levo o surdo”, “eu levo a caixa”. Não era nada organizado numa casa; cada um levava... Aí

o pessoal começou a se conhecer; começou a trocar telefone, que era todo mundo que tinha; a trocar endereço; a marcar para se... “Vamos chegar aqui todo mundo duas horas antes do jogo.” Começou a ter esse primeiro senso de organização, vai, para falar...

B.B. – Tinha um ponto de encontro para se reunir e...

C.R. – E esse pessoal começou a querer mais. O time não ganhava nada, não... E começou aquele sentimento de que o culpado era o presidente do Corinthians, que era o Wadih Helu, que, realmente, tinha muita culpa mesmo.

B.B. – Ele já estava há muitos anos na presidência?

C.R. – Ele estava. Ele e o Matheus, que foram os dois caras que dominaram o Corinthians até... Até hoje, quem está no Corinthians tem alguma coisa a ver com o Wadih ou com o Matheus. Mesmo o Andrés [Sanchez], ele era ligado ao Dualib, que era ligado ao Wadih Helu. Então eles entraram juntos no Corinthians, em 1959: o Matheus, presidente, e o Wadih, vice. Em 1959, eles derrotaram o Trindade, que era um cara que tinha sido... acho que 14 ou 15 anos presidente. Mas o Trindade também teve uma longevidade que eu acho... Eu não acompanhei, mas estudando, eu também... Ele perdeu a chance de ter feito uma boa administração, saído, **dado o lugar**. Mas ele era mais corintiano que esses nomes eram. Ele era mais corintiano que esses dois aí que se uniram, sem ter muita coisa um a ver com o outro, para derrotar um terceiro.

B.B. – O Trindade.

C.R. – Então os sócios votaram nessa chapa. E a eleição era... Você votava no conselho e no presidente. O conselho é que elegia o presidente, mas o conselho era eleito... Quem era eleito era o que estava com a chapa, e era o referendo, na eleição. Mas, dentro dos quatro anos de mandato, tinha uma eleição no meio. Nessa eleição do meio, o Wadih passou a perna no Matheus e derrubou o Matheus. Essa briga foi um dos motivos de o Corinthians ter ficado muito tempo aí na fila. Porque, quando eles entraram, estava há cinco anos, quatro anos e meio ou cinco anos, e foi ser campeão em 1977, e nesses 18 anos, só não foi presidente o Wadih ou o Matheus dois anos, desses... Dois anos, não. Um. Porque foi o Martinez, em 1971, e ele ficou

um ano só e derrubaram e entrou o Matheus. E dois caras que não souberam administrar o Corinthians. O Corinthians passou essa estiagem toda muito principalmente por causa desses dois cidadãos que eu estou falando: Wadih e Matheus.

B.B. – Então, Vila Maria, você frequentava os estádios nesse momento...

C.R. – Já era sócio do Corinthians, também.

B.B. – Já era sócio do Corinthians?

C.R. – Entrei de sócio do Corinthians em 1965. Já frequentava o clube como dependente do meu pai.

B.B. – Do seu pai. Seu pai, então, já era sócio, também.

C.R. – Depois, em 1965, ele comprou o título para mim e para meus dois irmãos.

B.B. – Então, além de ir aos jogos, vocês também frequentavam o clube?

C.R. – Sempre frequentei. Frequento até... Eu era conselheiro até agora. É que, nessa eleição, eu achei que o Andrés está extrapolando a... É outro continuísmo que está aparecendo aí. A gente chega lá no Andrés, não é? Eu era conselheiro. Já tinha sido conselheiro lá atrás, na época da Democracia Corintiana, em 1982, na época do Waldemar Pires, do Adilson Monteiro Alves, isso tudo. Tive dois mandatos. Não tive mais porque eu procurei, durante muito tempo, mais cuidar da Camisa 12, a sede.

B.B. – E nesse momento, você estudava? Já trabalhava? Como é que era seu cotidiano, nesse...?

C.R. – Em 1967, começou isso aí. Meu primeiro emprego foi na Estrela, Brinquedos Estrela, perto lá da... no Belenzinho. Na época que o Gaviões foi fundado, eu trabalhava na Estrela.

B.B. – E você descreveu esse momento em que já existia, vamos dizer, uma torcida oficial, ali controlada pelo Wadih Helu. E, pouco a pouco, veio esse movimento, até pela reunião de bandeiras, de pessoas que foram se conhecendo nas arquibancadas e acabaram liderando esse movimento.

C.R. – A fundação do Gaviões, na parte que eu estava junto, foi isso, esse pessoal começou, em 1967 e 1968... Teve dois momentos que nós começamos a usar camisas iguais: uma foi com a... O Raul – é bom, eu falo do Raul –, ele tem isso mais detalhado do que eu, fotos, tudo. Uma camisa do Corinthians escrito “Fiel”, todo mundo usava isso aí. Então já começou a dar um sentido de torcida uniformizada. A organizada tinha mais, que são os estatutos. E depois todo mundo começou a usar a camisa listrada, a camisa números dois do Corinthians, a antiga, que usa até hoje. Começou aí a identificação. Eram 70 ou 60, o que na época era bastante.

B.B. – Setenta ou sessenta pessoas uniformizadas, você fala?

C.R. – Pessoas. Então, na época, era um número até razoável.

B.B. – E desse grupo que era controlado pelo Wadih Helu, existia algum nome, alguma pessoa, alguma figura que fosse...?

C.R. – Não, porque não tinha liderança.

B.B. – Não tinha liderança.

C.R. – Eles punham o pessoal para tocar lá e... E quem tomava conta eram os camaradas que trabalhavam de fiscal de... Porque não tinha catraca e os bilhetes eram...

B.B. – E os bilheteiros que...

C.R. – Cada um... E esse pessoal era... Infelizmente, o Wadih usava esse pessoal para trabalhar aí e para... até para agredir torcedor, vai, para fazer segurança entre aspas.

B.B. – Intimidar?

C.R. – Intimidar. E aí a gente começou a ter problema com esse pessoal, em 1968, porque a gente começou a fazer campanha, começou a gritar “Fora Wadih”.

B.B. – Aí, nesse momento, você já conhecia esse grupo de pessoas que iam e que não ficavam sob essa liderança do...

C.R. – Nessa época aí... Você conversou com o Chico, não é? Nessa época, o Chico já era um cara meio esclarecido. Ele estava estudando publicidade naquela época, eu acho. Não sei se ele... Não tinha completado, eu acho.

B.B. – Não sei se ele deu essa informação.

C.R. – E o Flávio estava estudando na Faculdade de Direito...

B.B. – Da USP.

C.R. – Aí do...

B.B. – Do Largo de São Francisco.

C.R. – ...do Largo de São Francisco. E o Flávio... O Flávio não era líder de torcida; o Flávio era um intelectual, era um camarada organizador. Então ele tinha esse conhecimento sobre as coisas que aconteciam no Corinthians e tinha contato com alguns membros dessa... com o pessoal da oposição. Nessa época, o maior nome de oposição era o Matheus, em relação ao Wadih. Ele tinha contato com o Matheus, com o Mário Campos, que era o braço direito do Matheus, com o Wilton Magalhães. E ele começou a entrar no meio desse pessoal uniformizado e começou a pegar amizade e tudo e começou... E nós nos interessamos pela... “Nós temos que nos organizar.” Começou aí o senso de a gente fazer um movimento organizado daquele pessoal que ia junto, sentava... com a mesma camisa, levava as bandeiras e o caramba.

B.B. – E tinha algum ponto... assim, atrás do gol, ou na linha de córner?

C.R. – Era meio de campo ou do lado.

B.B. – Meio de campo.

C.R. – Meio do campo ou do lado. No Parque São Jorge, no começo... Porque esse pessoal da bateria ficava lá no meio. Para a gente... Até para evitar... A gente ficava um pouquinho do lado, logo na entrada do estádio, mesmo. Não chegava a ficar atrás do... Assim, em frente à linha da área. Mas, no Morumbi, era do lado esquerdo do...

B.B. – Das cabines.

C.R. – ...das cabines, e no Pacaembu, também.

B.B. – E aí vocês começaram a ir com uniforme, com bandeiras...

C.R. – Em 1968... Por exemplo, em 1968, a quebra do tabu, em 6 de março, já tinha um núcleo desse pessoal, já tinha algumas bandeiras grandes, já tinha... O estádio também estava... Nesse, foram 68 mil pessoas. Quarta-feira à noite, aqui. Foi uma das maiores festas que teve na... Por uma vitória, eu acho que... Nem título teve tanta festa como essa...

B.B. – Quebra.

C.R. – Teve gente que ficou até o dia seguinte. A Paulista, aqui, a São João também era... Naquele tempo, era mais a São João do que a Paulista, o local de festa, porque saía daqui e já ia direto, pegava a Olímpio da Silveira... Mas foi um... Eu cheguei em casa, nesse jogo aí, três horas da manhã. Minha mãe já estava me procurando na Polícia. Treze anos. Esse jogo foi inesquecível! O Paulo Borges, que só tinha pé direito, marcou um gol, da área intermediária, de pé esquerdo. Não sabia fazer... Era para subir em ônibus, o pé esquerdo dele, e ele pegou uma bola... Foi um jogador caro *pra caramba*, não é?

B.B. – E nesse momento, alguns de vocês eram sócios? Vocês tinham contato com os jogadores? Vocês frequentavam o clube, nesse sentido de ver treino?

C.R. – Eu de vez em quando ia... Nessa época, eu, mais uns dois ou três, eu sempre ia assistir treino, pegava lá autógrafo, cheguei a ganhar camisa, na época lá. A camisa era bordada, naquela época.

B.B. – Não se comprava camisa, como hoje. Não era tão fácil.

C.R. – Não. O time tinha três uniformes. Se perdesse... O cara que desse uma camisa, tinha que pagar, porque, para refazer... Não podia ficar dando, trocando camisa todo jogo, porque não tinha essa facilidade... Hoje, os caras até querem dar, porque está fazendo a propaganda da Nike, a propaganda dos marketings do clube. Antigamente, não tinha nada disso. Antigamente, o futebol era muito diferente, o futebol era 100% do que dava na bilheteria. E o Corinthians, o clube socorreu muitas vezes o Corinthians. Hoje é ao contrário: hoje, o clube é deficitário e o futebol tem que às vezes cobrir a parte social. Mas naquela época lá... O Corinthians chegou a ter 80 mil pagantes. Falam em 100 [mil], mas a real é 80 mil. Mas 80 mil pagantes é gente... Sabe quantos tem hoje? Seis mil.

B.B. – Sócios?

C.R. – Pagantes, são 6 mil.

B.B. – Pagantes...

C.R. – Têm remidos. Os remidos não pagam. Tem mais remido no Corinthians do que pagante. Tem mais cara que dá despesa lá... Porque vai lá, usa a água, luz, mas não paga nada, porque comprou um título remido. E o remido serve para aquele momento, para entrar dinheiro naquele momento, mas depois o cara nunca mais paga. Isso aí não tem mais, ainda bem. Isso é um câncer para os clubes. Isso o cara paga... Serve para uma administração, e o cara fica mais dez lá tentando... tendo que dar... Hoje, o Corinthians tem 6 mil sócios. Já chegou a ter 80 mil. Na época, uma das queixas de quem gostava de futebol... Apesar de que a gente torce para o

Corinthians até no futebol de botão. Mas, na época do Wadih, o jogador de basquete ganhava igual ao de futebol. O Corinthians tinha uma seleção: Wlamir, Rosa Branca, Ubiratan... A seleção brasileira que foi bicampeã mundial, a base era o Corinthians e alguns jogadores do Sírio.

B.B. – Você acompanhava também o basquete?

C.R. – Acompanhava. Teve um jogo no Parque São Jorge, em 1966, isso eu nunca esqueço, Corinthians e Real Madrid... O ponto era só [cesta de] dois [pontos]. O Real Madrid era campeão mundial. Doze mil pagantes, no ginásio. Ginásio. Não era no estádio, não. [O Corinthians venceu por] 118 a 109. E pegamos a União Soviética, que tinha acabado de ser campeã olímpica, e ganhamos de 101 a 100, no Parque São Jorge também, nessa época aí. O time do Corinthians era... Não chegou a ser campeão mundial. Ficou vice, num torneio que jogou lá Espanha. Perdeu para o Goodyear, um time dos Estados Unidos. Mas foi um azar, porque o Corinthians tinha um time... O basquete dava mais alegria do que o futebol. Mas também, aí é que tinha problema, o Wadih Helu, como presidente do Corinthians, começou – e isso também era uma das críticas que a gente tinha – a carreira política. Então ele foi deputado estadual. Ele pegava esse time de basquete e jogava nas cidades do interior de graça, só para promover...

B.B. – Ele e o Corinthians.

C.R. – Ele, com...

B.B. – Ele, através do Corinthians. Ele foi eleito... Ele era da Arena?

C.R. – Arena. Ele sempre...

B.B. – E foi eleito pela primeira vez...?

C.R. – Em 1963 ou 1964. É por aí.

B.B. – Então ele era... Combinava: ele era presidente do clube e, ao mesmo tempo, deputado estadual?

C.R. – Depois, quando ele saiu, puseram no estatuto que político não podia mais ser presidente. Mas **eu penso** que saiu agora, porque o Andrés também... Esse é o perigo, não é? O Andrés... Foram perguntar para o Andrés, ele falou que foi um pedido do Lula. Foi um pedido do Lula, mas você só é se você quiser. Eu conheci o Lula na época lá das greves.

B.B. – Das greves, em **1979**.

C.R. – O Lula é corintiano *pra cacete*. Esse mérito ele tem. E também tem outros, mas esse mérito...

B.B. – E como é que foi esse processo, então, dessa reunião que era informal e que, a partir de um momento, em meados de 1969, se configurou na torcida...?

C.R. – Aí começou a engrossar muito esse coro “Fora Wadih” e tudo. Esse pessoal que era ligado ao Flávio, que era ligado à oposição, começou a fazer panfletos. Eles já faziam. Já faziam e soltavam no Parque São Jorge, soltavam no estádio... Nós passamos a ser nós os distribuidores, os divulgadores da oposição. Então, começamos a levar faixa “Fora Wadih”, “Chega de fila”, um monte de faixa, e começamos a nos reunir. Um dos pontos de encontro que a gente se encontrava mesmo era em praça, e muitas reuniões foram feitas aqui na 9 de Julho... Não tem mais. É a Praça 14 Bis. O 14 Bis... Esse aviãozinho que está aí no Campo de Marte, ele ficava nessa Praça 14 Bis, onde passa o Minhocão, onde tem o Vai-Vai hoje. Como tinham uns dois ou três líderes que moravam aí perto, na rua Rocha e tudo, a gente marcava na praça e sentava lá e fazia uma reunião e... “Tem que se organizar. Vamos fazer uma torcida. Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo.” E foi amadurecendo. O Rio, nesse ponto, influenciava, porque o Rio já tinha umas torcidas fortes – o Dragões Rubro-Negros era forte, no Rio. O Dragões... Para chegar no nome Gaviões, o Dragões tem uma participação nisso, porque na hora que foi fundar a torcida... E essa reunião inclusive foi na casa do Chico. Não sei se ele lembrou disso, ou falou sobre isso.

J.F. – Falou.

C.R. – Na hora de escolher o nome do Gaviões... “Vamos pôr o nome de um bicho.” E surgiu Leões, Tigres, Carcará... Porque tinha aquela música *Carcará*, “pega, mata...”. É dessa época.

B.B. – João do Vale, *Carcará*.

C.R. – Um monte de bicho apareceu, e também citaram os gaviões. Gaviões acabou sendo aceito, porque era preto e pela garra, mas podia ter sido Carcarás da Fiel, podia ter sido Leões da Fiel, podia ter sido... [risos]

J.F. – Não ia dar certo, Carcará da Fiel.

C.R. – Não. Mas passou mesmo. Eu sei lá quantas pessoas tinham nessa reunião que decidi. Deviam ter umas 15 ou 18 [pessoas]. Mas foi na votação.

B.B. – Então já... Porque, realmente, no Rio de Janeiro, em 1967 e 1968 que começaram os grupos, também. Tinha os Dragões...

C.R. – Tinha os Dragões Rubro-Negros. Essa influência teve. Tinha a Charanga lá...

B.B. – Do Jaime de Carvalho.

C.R. – ...do Jaime de Carvalho. Eu conheci ele. Isso aí já é da história da Camisa 12. Isso aí foi em 1971 ou 1972. Teve um jogo Corinthians e Flamengo... Dava para fazer isso. Era aniversário da Charanga, nós preparamos lá um bolo... Nós tínhamos uma torcida... A Camisa 12 tinha uma filial lá na avenida Rio Branco. Ficou funcionando sete ou oito meses, o escritório lá. Tinha gente, viu? E no jogo Corinthians e Flamengo... Eu não me lembro o resultado. Mas só sei que esse jogo, nós pegamos as bandeiras e fomos lá no meio da torcida do Flamengo com a nossa bateria e levamos um bolo e cantamos parabéns para o...

B.B. – Para o Jaime de Carvalho.

C.R. – ...para a Charanga.

B.B. – Para a Charanga. Porque, em 1972, a Charanga fez 30 anos.

C.R. – Ah! Foi em 1972. Foi em 1972.

B.B. – Porque ela foi fundada em 1942. Era o trigésimo...

C.R. – Foi numa data forte. Então foi essa.

B.B. – Cheguei a ver isso nos jornais do Rio. Tinha essa homenagem da torcida do Corinthians ao Jaime de Carvalho e à Charanga.

C.R. – Foi a Camisa 12.

B.B. – Não sabia que era você, mas... [riso]

C.R. – Tem um camarada que é jornalista no Rio até hoje, **Carlos Laet**... Ele trabalhou **na Globo**. Agora eu não sei... Hoje, ele trabalha na assessoria das Centrais Sindicais. Sempre vai ter alguma coisa de esquerda, quando você falar comigo. Aliás, já estive até no DOI-Codi, também. Mas foi passageiro.

B.B. – Nesse momento, nos anos 1970?

C.R. – Mais por...

B.B. – Para o final?

C.R. – Não, mas aí não tem nada a ver com torcida. Foi mais por movimentação política.

B.B. – Mas no final dos anos 1960 ou nos [anos] 1970?

C.R. – [Nos anos] 1970.

B.B. – [Anos] 1970.

C.R. – Eu estudava aqui na Faap, inclusive, na época, em 1974, quando eu já não...

B.B. – Depois conta isso, sim, para a gente.

C.R. – E a gente participou... Na realidade, os Gaviões... no começo da Camisa 12, no movimento da anistia, a gente levou faixa no estádio. A gente chegou a ser perseguido pela polícia, também, dentro do campo. A polícia... Não a polícia... Bom, a Polícia Militar ainda é militar, mas naquele tempo era mais atrelada ainda ao governo do que é hoje. Então... Vamos voltar para os Gaviões senão... Então o Gaviões foi fundado aí, em 1969, em junho de 1969, e acabou pondo 1º de julho como a data oficial, mas foi dessas reuniões aí. E não sei... A data...

B.B. – Foi em julho de 1969.

C.R. – Não. Teve um jogo Corinthians e Palmeiras que o Corinthians perdeu de três a dois. No primeiro tempo, ficou três a zero para o Palmeiras. Parece que foi num sábado, esse jogo. Aí detonou mesmo. Esse grupo **que já estava organizado** falou: “Hoje sai a torcida daqui”. E a torcida saiu do campo... No primeiro tempo, a maioria deixou. Eu não deixei, eu vou te confessar. Eu não acompanhei o pessoal que saiu, eu e mais uns... Foi a minoria que ficou, e eu fiz parte... Talvez tenha errado, mas eu não saí. Eu achava que tinha que ficar até o fim do jogo. Mas a maioria saiu e deu muita repercussão, porque pegou as bandeiras e saiu do estádio no primeiro tempo. Aí, no segundo tempo, eles marcaram dois gols. Quase empatada. Então, o grito era: “A Fiel, cansada, vai embora envergonhada! A Fiel, cansada, vai embora envergonhada!”. Saiu nesse tom. Aí, quando acabou o jogo, foram na porta do Morumbi esperar... protestar lá. Aí teve a maior briga com esse pessoal da segurança do... Inclusive, o diretor de Futebol na época era o [Elmo] Franchini, ele chegou a sair do carro com um revólver na mão. Era esse nível. O pessoal não tinha muitas... Isso aí deve ter sido em meados de junho. Mais umas duas reuniões e a gente fundou os Gaviões.

B.B. – E aí, nessa, vamos dizer, ata de fundação, nesse momento, quem estava presente? Além de você, do Malfitani, quem eram os...?

C.R. – O Flávio...

B.B. – Flávio La Selva.

C.R. – Esse Raul que eu estou te falando...

B.B. – O Raul... O Joca já...?

C.R. – O Daga, o Joca...

B.B. – O Joca já estava.

C.R. – O Joca está desde o começo, o Alcides Jorge de Souza Piva. Esse aí foi um dos maiores líderes que o Gaviões teve. Até uma das brigas para eu sair dos Gaviões foi com ele e com... A minha maior briga foi com o Flávio. Mas como ele era muito ligado ao Flávio, também... Mas **vamos** reconhecer o mérito que ele teve. Ele foi um dos maiores líderes que os Gaviões teve. Foi muito cedo. Morreu muito cedo.

B.B. – E você, então, permaneceu na Gaviões até que momento?

C.R. – [Permaneci] dois anos.

B.B. – Dois anos.

C.R. – Dois anos e dois meses.

B.B. – Até a fundação da Camisa 12, você...?

C.R. – Nessa época dos Gaviões, começou a... Aí começou a ficar guerra mesmo, com a...

B.B. – Com a diretoria.

C.R. – ...com essa diretoria do Corinthians, com esse pessoal que ia assistir. Teve... Aí a gente começou a organizar as excursões, coisa que... Antes dos Gaviões, a gente se virava para ir junto, de rodoviária, até de trem. Porque naquele tempo funcionava aquele... Para jogo no Rio, o trem funcionava. Agora desativaram. Todo mundo constrói e o Brasil destrói. Era gostoso ir assistir a jogo de trem. E mesmo no interior tinha, em Jaú e outras cidades, e dava para ir de trem. Mas a gente não alugava ônibus. Aí, com a...

B.B. – Com a Gaviões...

C.R. – Com a Gaviões, já começou a alugar.

B.B. – Para ir todo mundo junto e... Facilitava um pouco essa...

C.R. – Acho que a primeira excursão foi contra o Vasco. E teve o primeiro quebra-pau, também, com a torcida do Vasco. Naquele tempo, o Gaviões se dava... A torcida do Corinthians era irmã da torcida do Flamengo. Naquele tempo, tinha essa união. E tinha mais ou menos união com os clubes do chamado [Torneio do] Povo, na época: Atlético, Internacional... Hoje já virou uma salada aí. Agora, a primeira grande excursão mesmo foi na final do... Era a Taça de Prata, naquela época. [Foi] quando o Corinthians perdeu do Cruzeiro de três a um, lá em Minas. A gente levou cinco ônibus. O Corinthians organizava excursão dentro do Parque São Jorge, então, a gente era... E saiu aqui da avenida Ipiranga com a Santa Efigênia. Esse jogo foi fantástico! E teve **muita** torcida do Corinthians. Porque a torcida do Atlético apoiou a torcida do Corinthians. Então o Mineirão estava lotado, mas quem ficou no meio do estádio foi a torcida do Corinthians, quem ficou no meio da arquibancada, porque foi atleticano *pra* cacete. Tinha 90 ou 100 mil pessoas, nesse jogo, e 40 mil estavam torcendo para o Corinthians. Pode acreditar, foi um... A torcida do Atlético apoiou... Em 1976, a maioria foi daqui, mas nesse jogo a torcida do Atlético...

B.B. – Se uniu. E eram atleticanos...

C.R. – Corintiano mesmo.

B.B. – Mas os torcedores do Atlético eram de torcidas organizadas ou eram... espontaneamente, que iam apoiar o Corinthians?

C.R. – Não era forte, a torcida do Atlético. Eles tinham uma charanga começando lá, a Charanga do Júlio.

B.B. – Do Júlio.

C.R. – Então, tinha amizade com esse cara. Ele era dono de umas cinco ou seis mercearias, empórios lá... “Júlio, o mais amigo”, era o...

B.B. – O slogan.

C.R. – Está vendo que eu conheço, hem!

A.B. – Sem dúvida.

C.R. – **E ele vendia cerveja lá.** Era Gaviões ainda. Depois você... Está gravado. Em 1971, aquela final que o Atlético foi campeão... Aí já é a Camisa 12, deixa chegar... A gente levou a bandeira da Camisa 12 no meio da torcida do Atlético e tocou o hino do Corinthians, fez o diabo, lá no Maracanã. Como tocava lá no Mineirão também, quando a gente levava lá. Tinha essa... Hoje, a torcida do Atlético é mais alinhada à Torcida Uniformizada...

B.B. – Do Palmeiras.

C.R. – Com o Palmeiras.

B.B. – Mudou. Mas então, logo nesse momento inicial do surgimento da Gaviões, uma oposição mais sistemática à direção...

C.R. – Mais sistemática. E começou a ter briga.

B.B. – ...conflitos e as excursões. Seriam, vamos dizer, duas...

C.R. – Em 1969 teve muito problema, mas em 1970 começou a ter agressões mesmo. Teve um jogo que a gente ganhou do Santos, em 1970, no primeiro semestre, aqui no Pacaembu, dois a zero, a gente saiu tocando aqui pela avenida Pacaembu e, de repente, param dois ônibus, esse pessoal que era fiscal, esse pessoal... desceu tudo do ônibus e bateram... Porque a gente era uma garotada, os mais velhos tinham 17, 18, 19 anos, e a gente não estava com esse... Apanhamos *pra cacete*, verdade seja dita. Porque é muito... Os caras gostam muito de falar que batem, falar que apanha, ninguém gosta, mas... Foi parar todo mundo na delegacia. Deu uma repercussão muito grande nos órgãos de imprensa na época, *Diário da Noite*, *Notícias Populares*... O *Notícias Populares* já gostava desse tipo de manchete, então, foi...

B.B. – [Foi] um prato cheio.

C.R. – Saiu manchete... Mas isso aí foi começando a fortalecer. Em vez de desagregar, começou a... E o Gaviões começou a crescer.

B.B. – E aí vocês também iam mais preparados.

C.R. – O Gaviões começou a crescer. O Gaviões ficou forte. Uma vez, eu estava no Parque São Jorge... Eu frequentava muito o Parque São Jorge. Dois episódios. Esse Wilton Magalhães que eu falei aí que era um braço direito do Matheus e do Mário Campos... Eles panfletavam. Esse cara era um panfletário, ele gostava de... Ele adorava. Então ele... Ele já tinha feito isso. O Matheus alugava um helicóptero... O Matheus que financiava a... E jogava panfleto de helicóptero dentro do Corinthians. Era um caos, porque quando caía na piscina, ficava a piscina cheia de... Mas ninguém... A oposição era agredida dentro do Corinthians. O Matheus chegou a apanhar dentro do Corinthians. O Matheus chegou a apanhar do pessoal do...

B.B. – Do Wadih.

C.R. – Do Wadih. Mas eu era meio metido, e eu era menor, então eu aproveitava... “Bate em mim, bate que eu te processo.” Eu chegava... “Bate.” “Ah, você vai...”. Me xingavam de tudo. “Tudo bem, mas fica no xingamento. Não bate, não, porque eu te ponho na cadeia.” Ficava nesse tipo de jogada. Então teve esse dia aí que eu olhava para o céu... “Por que você está olhando para o céu?”, os caras falavam. “Não, é porque parece que vai chover”. Estava tudo... um dia de sol. Eu estava esperando o helicóptero. Eu acho que o único cara do clube que sabia que ia aparecer o helicóptero era eu. Porque eu me reunia muito, nessa época, com o Matheus e com o Flávio. A gente tinha reuniões da oposição, e nesse ponto, os mais participativos era eu e o Flávio. Mais o Flávio e eu. A gente se reunia aqui no Parreirinha, aqui na avenida Ipiranga, o restaurante; tinha outro na Brigadeiro Tobias, o Cidade de Viena. Então a gente se encontrava, e eu sabia dessas... E quem levava as faixas era eu, o Flávio e mais um ou outro que sabia. Porque tinha que levar bem escondido. A gente levava a faixa... Naquela época, podia entrar almofada, tudo, a gente abria a almofada, tirava o forro e punha a faixa, e quando chegava lá, arrebatava... Senão você não passa na...

B.B. – Na revista.

C.R. – Eles não iam deixar. Nesse método, a gente pôs umas cinco ou seis faixas, pelo menos, dentro do... Então eu olhava para... “Olha aquele helicóptero!” “Você sabia do... não é?!” Olha, mas caiu panfleto no... E outro dia, eu estava... Tinha o [Antônio] Maida, que era o administrador do clube. Esse camarada era o chefe da segurança.

B.B. – Da quadrilha.

C.R. – Era o cara que batia, ou mandava os outros baterem. Então eu cheguei lá... “Fala para aquele Wilton Magalhães, para o pessoal lá...” Começou a discutir comigo. E eu fui dando trela para ele, dando... O Flávio entra no Corinthians... Eu estava discutindo aqui, o Flávio entra no Corinthians, na catraca. Não abriu o bico. Esse cara vai lá no Flávio e... Porque ele estava discutindo comigo e ele não podia bater em mim porque eu era menor, mas o Flávio já era...

B.B. – Maior.

C.R. – O Flávio não entendeu nada. Depois ele foi entender, não é? Eu fui o causador do tapa que ele...

B.B. – Que ele levou.

C.R. – Isso deu uma repercussão na época... Teve outra vez que o Corinthians perdeu um jogo, foi contra time pequeno, mas já estava marcado... O prédio do Vicente Matheus... Ele fez um churrasco lá da oposição, então, os Gaviões foi para lá... É um prédio que tem na Celso Garcia com a rua São Jorge. Inclusive, chama-se Edifício Vicente Matheus. Estava em construção, naquela época. Estava fazendo o churrasco lá e, de repente, me aparecem lá uns 40 ou 50 caras. Mas fechou o tempo. Só que nesse dia a gente tinha uns caras... Não da Gaviões; segurança da oposição. O Matheus começou a andar com segurança, também. Tinha dinheiro e tinha ameaça, então, ele começou... Então, levamos desvantagem, mas teve alguma resistência. Era nesse nível, o negócio. Não tinha tanta letalidade, não tinha... matar.

B.B. – Premeditado, nem...

C.R. – Mas porrada, pau...

B.B. – Xingamento.

C.R. – É, barras e essas coisas, se usava. E teve um amigo meu que, nessa briga aí – é um dos fundadores da Camisa 12, também, e já era dos Gaviões, também –, o Cléber Meta, ele perdeu quatro dentes aqui. O cara era magrinho. E o cara que bateu nele... Depois eu até fiquei amigo dele. O cara era do meu tamanho, mas era aqueles...

B.B. – Armários.

J.F. – Se fala muito, nessa época, que o Wadih Helu chegou a colocar gente do DOI-Codi para reprimir a Gaviões. Essa história...?

C.R. – É verdade. Tinha essa repressão, e a gente **acreditava** que o Wadih tinha alguma coisa, porque ele era do partido do governo. E a gente já tinha levado faixa de anistia e o caramba e unia essas... Então...

J.F. – E você lembra de um jogo, aqui no Pacaembu, Corinthians e Santos, em novembro de 1969? Isso é uma história que o Frei Betto conta, que foi anunciada a morte do Carlos Marighella no intervalo do jogo. Você se recorda?

C.R. – Eu lembro do fato. Com certeza, eu estava no jogo. Agora... Eu lembro que teve isso aí.

J.F. – Foi um jogo com portões abertos, porque foi adiado...

C.R. – Ah! Foi no jogo que... Esse jogo...

J.F. – Foi quatro a um para o Corinthians.

C.R. – Foi quatro a um. Esse jogo aí foi à tarde – o outro tinha sido à noite, que tinha sido adiado. Esse jogo foi durante a semana.

J.F. – Exato.

C.R. – Foi numa quarta-feira, esse jogo. Agora, se eu falar mais do que isso...

B.B. – Você lembra que teve esse...?

C.R. – Eu sei que teve o negócio do Marighella; eu não sabia que foi nesse jogo. Esse jogo foi... O Corinthians jogou tudo e... Quatro gols, e ainda perdeu um pênalti. E tinha sido adiado esse jogo, por causa de chuva. Eu lembro que eu perdi uma bandeira, nesse jogo. Perdi porque a gente trazia a bandeira às vezes fora do ônibus, segurando, e a minha bandeira enroscou na

roda. Eu gostava daquela bandeira! Minha mãe teve um trabalho. Era uma bandeira toda de retângulos, um preto e um branco, um preto e um branco. Tinha mais de 200 retângulos. Imagina o que a minha mãe passou! Minha mãe foi uma das maiores costureiras de bandeira. [risos] E ainda inventei uma bandeira dessas, de tijolinho. E pegou na... Nesse jogo aí, em 1969.

B.B. – Bom, em 1970 teve o tri, a conquista do tri. Havia jogadores do Corinthians que participaram da Seleção Brasileira.

C.R. – Todo jogo do Brasil que ganhava – e ganhou todos –, a gente fazia... punha a bateria rodando o centro de São Paulo.

B.B. – Da Gaviões?

C.R. – Gaviões. Tinha bastante...

B.B. – Para comemorar os...

C.R. – A gente começava com 100 ou 150 e o povo entrava.

B.B. – O Ado, o José Maria...

C.R. – E o Rivellino.

B.B. – ...e o Rivellino foram os três jogadores. Bom, e aí imagino que, depois da vitória contra a Itália, a batucada deve ter sido...

C.R. – Foi grande. Era regime militar e tudo, mas a gente... Tinha a parte política, mas não era tão importante como a parte esportiva, naquela... A gente comemorou. O Médici usou isso *pra* caramba.

B.B. – Mas entre os integrantes da Gaviões havia essa percepção de que... uma utilização que...?

C.R. – O Chico [Malfitani] depois virou marqueteiro da esquerda. O Chico pegou amizade com o Lula e depois fez as campanhas do PT para governador aqui. Fez bastante. [Era] para a Erundina, na época. O Chico é de esquerda até hoje. Nas redes sociais, ele se manifesta direto.

B.B. – Sim.

C.R. – O Flávio era meio social-democrata. Ele era advogado, mas não era tão... Mas tinha um pessoal... Aí começou.

B.B. – A partir de 1970...

C.R. – Vamos chegar na queda do Wadih. O Matheus era um presidente que já tinha tentado derrotar o Wadih três vezes e perdia. E a percepção da oposição... Nessa conversa que nós estamos [**inaudível**] agora que já começa a aparecer a Camisa 12 lá no futuro, porque eu fui um camarada que comecei a me distanciar do Matheus, assim, em termos dos Gaviões, e o Flávio...

B.B. – Se aproximar.

C.R. – Então a oposição tinha essa percepção de que, se o Matheus fosse candidato de novo, corria o perigo de perder de novo. Então se começou a levantar outros nomes. O Matheus não queria. O Matheus, **sempre fiel**: eu, eu, eu. Mas conseguiram convencer e lançaram como candidato o Miguel Martinez, na época. Aí acontece um negócio engraçado, o Miguel Martinez candidato... E eu conhecia o Martinez já, como membro dos Gaviões, de reuniões que fazia. Mas, já nessa época, começou a ter, nessa eleição, reunião de grupos: o grupo do Matheus de um lado e o grupo do Martinez já se reunia no outro. E eu comecei a ir mais nessas reuniões do grupo do Martinez. Aí eu chego em casa... Isso aí é coincidência. Cheguei em casa e falei para meu pai e minha mãe: “A oposição vai lançar outro candidato, não vai ser o Matheus, vai ser o Miguel Martinez”. Na hora que eu falei Miguel Martinez, ele era amigo do meu pai e da minha mãe de infância. A mulher do Martinez era amiga de sair com a minha mãe, aí da Mendes Júnior. Então, desses contatos, cheguei para o Martinez e falei assim: “Você sabe de quem eu

sou filho? Do João e da Aurora”. E a gente se conhecia há um ano e pouco. Um ano e meio conversando, mas não tinha... Nunca tinha...

B.B. – [Nunca tinha] associado.

C.R. – Eu nunca tinha falado nada em casa de candidatura, até porque ele não era candidato. O candidato lógico seria o... Aí me aproximei mais ainda do Martinez. Aí começou... Conheci o filho dele, conheci o genro dele, a mulher dele era amiga da minha mãe, até levei a família nos encontros. Então, no fim de novembro ou no fim de dezembro, começou esse movimento de trocar o Matheus e, em janeiro, decidiu-se que o candidato seria o Martinez. E, naquela época, a eleição elegia 700 conselheiros. Nesses 700, tinha um monte de caras dos Gaviões. Meus dois irmãos eram conselheiros. Eu não podia ser porque eu era menor. Meu pai também foi eleito conselheiro, um monte de amigos: o Flávio, o Joca também era... O Francisco, eu acho que não era, o Malfitani. O Malfitani deu uma saída. Ele estava bem no começo. Ele continuava indo nos jogos, mas assim... Acho que por causa de estudo.

B.B. – Não era de frente. Não era tão de frente.

C.R. – É. Nessa época, os Gaviões... Eu tenho que citar um nome, voltar um pouquinho. Os Gaviões tinham um líder, em 1969 e 1970. Era o Inaté.

B.B. – Inaté.

C.R. – Inaté José da Silva, eu acho.

B.B. – Mas era da Gaviões?

C.R. – Gaviões. Olha, na verdade, se um cara merecia o número um era ele. Como a numeração dos Gaviões só foi feita um ano e oito meses depois, foi feita em começo de 1971, em fevereiro, quando fizeram as carteirinhas, aí fizeram a numeração pelo mérito de quem estava lá, e o Inaté já... O Inaté tinha tido um problema de polícia e o caramba.

A.B. – Ele é vivo?

C.R. – Não. Ele morreu como... Foi enterrado como indigente. É uma das coisas que eu mais tenho chateação... Eu também fui saber depois de... Sei lá. Ele morreu em 1977 ou 1976. Ele teve muito problema. Na verdade, o Inaté foi utilizado pela oposição. E na hora que ele precisou... Usou e descartaram, vamos ser... E o **cara** não tinha uma estrutura, andou fazendo umas...

B.B. – Podemos fazer uma pausa, só para trocar aqui a...?

[FIM DO ARQUIVO I]

J.F. – ...universitários, [**inaudível**].

C.R. – No começo, não é?

J.F. – É, no começo.

B.B. – [riso] Bem no começo.

J.F. – Mas até a Democracia Corintiana... O Magrão era estudante de engenharia.

C.R. – O Magrão inclusive é sobrinho daquele Samir Achôa. Lembra?

J.F. – Ah, é?

C.R. – Mas ele não gostava de citar muito ele. O nome dele é Luiz Mezher Achôa. Mas ele não faz muita questão da... O Magrão tinha uma indústria de cartões, uma gráfica. Ficou mais para o irmão dele. É uma das maiores do Brasil. O Magrão foi, para mim, o presidente mais realizador do Gaviões, ele e... E o Dentinho tem que ter mérito. O Dentinho foi... O Dentinho, no começo da Camisa 12 e do Gaviões, era mais fácil a gente brigar com a Gaviões do que

brigar com a torcida do Palmeiras. [risos] Isso aí, a gente vai chegar lá. É verdade. Mas quando brigava contra a torcida do Palmeiras, se uniam. Mas quando brigava...

B.B. – Bom, então, vamos recapitular: a gente estava falando um pouquinho dessa...

C.R. – Do Inaté, não é?

B.B. – ...do Inaté, desse contexto da candidatura do Martinez.

C.R. – Então, a eleição foi... Fizeram a chapa, estava... a Gaviões participou bastante... Porque no Corinthians tinha aquele problema, a oposição tinha medo de frequentar... Vamos falar... No dia da eleição, para você ter uma ideia... Foi no começo de abril, eu acho. Na hora da apuração, tinha mais gente do Wadih do que da oposição. O Matheus tinha uma... A sede da pavimentadora era, se não me engano, no [número] 560 da rua São Jorge, na parte de cima do... O pessoal foi todo para lá, por medo. Vamos falar... E por causa de briga. Ficaram poucos lá. Mas foi uma lavada: foi 3.700 a 2.200. A festa começou mesmo não foi dentro do Corinthians, não; foi dentro da pavimentadora. Então, ganhou o Martinez. O Corinthians estava já com um monte de dívida, já tinha... O Wadih, de cara de pau, falava que dívida era sinal de crédito. Deve ser. Mas é melhor não ter crédito também; não ter dívida e não ter... Aí começa a outra fase. A eleição foi em março.

B.B. – De 1971, março de 1971?

C.R. – De 1971. Do Gaviões, eu era de torcida; o Joca era de torcida... O Flávio não era. O Flávio era Gaviões. Inclusive, a sede, o mérito da conquista, de ir atrás do terreno e tudo foi do Flávio. Politicamente, ele... Bastidor, ele... Essa sede dos Gaviões inclusive... Teve reunião até no palácio do governo, com o Paulo Egydio, na época, que era corintiano. Dizem que influenciou naquele resultado de 1977. Mas o Rui Rei... Estamos chegando lá. Então começou a pressão – e eu fui um dos que fiz – para o Flávio deixar a presidência. E o Flávio também queria sair. Ele já tinha feito a... Em termos de torcida, a intenção era derrubar o Wadih e... Não que ele deixou de ser Gaviões; ele ficou até o fim lutando. E tanto é que o mérito da sede e muitas coisas lá, segurar as pontas lá... Os caras brigavam, ele...

B.B. – Apaziguava.

C.R. – Então, ele saiu de presidente, teve uma eleição, eu acho que foi em março, logo depois da eleição do Corinthians, o Joca foi candidato, na época, e eu e um outro pessoal lançamos um outro candidato. Chamava-se Élcio José [inaudível]. Foi uma das piores coisas que nós fizemos, ter lançado esse camarada candidato, porque ganhamos a eleição, porque ele tinha uma força grande entre os Gaviões...

B.B. – Ganhou sobre o Joca?

C.R. – Sobre o Joca. E esse cara vai lá e rouba. Com um mês e meio, já começou a fazer... Coisa rápida. Porque, veja bem, isso é em março ou abril, e a Camisa 12 foi fundada em agosto. Como eu tinha indicado esse cara, começaram a... e como eu fui um dos maiores apoiadores do... começaram a ter aquelas conversas: “Você indicou esse cara!”. Mas o cara que brigou mesmo... É chato, mas eu cheguei a agredir esse cara na... A sede dos Gaviões era na rua 7 de Abril. No começo, nessa época aí, era na rua 7 de Abril, no escritório do Matheus.

J.F. – Era no escritório do Matheus, a sede da Gaviões?

C.R. – Era, nessa época. Era a sede da campanha do Matheus e do Martinez e depois o Gaviões continuou usando por um tempinho.

B.B. – E depois, em 1975 ou 1976, foi transferida para o [bairro do] Bom Retiro.

C.R. – Não. Antes passou pela...

A.B. – [Antes, passou pela rua] Santa Efigênia.

B.B. – Antes, pela Santa Efigênia.

C.R. – ...passou pela rua Aurora, pela Santa Efigênia... Na Santa Efigênia é que o Gaviões teve um crescimento grande, em... A invasão do Rio, a sede dos Gaviões era na Santa Efigênia, em 1976.

B.B. – Está [certo]. Então, só no final dos anos 1970 é que vai para o Bom Retiro.

C.R. – Em 1978, eu acho. Se não me engano, em 1978. Então começou isso aí. Teve uma excursão para Santos, um Corinthians e Santos – o Corinthians ganhou de quatro a dois, esse jogo. E eu, brincando lá com o pessoal, dou um tapa no vidro do ônibus e quebro o vidro. No dia seguinte... A gente sempre se encontrava segunda-feira à noite lá na sede. Fomos para o jogo, voltamos. No dia seguinte tinham marcado uma reunião para decidir a minha suspensão, por causa do vidro que eu quebrei. Sem brincadeira, não quis quebrar o vidro. Dei um tapa e pegou. Falam que o vidro, se você bate num certo lugar, é frágil. É lógico que eu acertei na... Se eu der mil tapas, eu não vou quebrar. Então, o cara que estava comandando a reunião... Teve uma votação... Inclusive erraram os números lá, porque o número que deu na votação não correspondia às pessoas que estavam lá. Por dois votos, eu fui suspenso. Saiu uma briga, meu grupo saiu de lá... Eu continuei Gaviões. Isso aí foi em abril ou maio. Teve uma excursão para Campinas, eu fui para o jogo, o pessoal foi para o jogo, meu pessoal. Na volta desse jogo, no [Restaurante] Lago Azul... Tinham quatro ou cinco ônibus dos Gaviões. O presidente do Corinthians estava lá, o Martinez. Ele estava lá jantando. E eu descobri que os caras iam... Tinha um tal de Claudio Ribeiro... Esse Claudio Ribeiro depois fundou o Coração. É famoso. É aquele cabeludo. Esse cara diz aos caras que... “Se prepara que eu vou apagar a luz do Lago Azul.” Ninguém acreditou. Ele descobriu a chave. E o Lago Azul é um puta de um restaurante desde aquela época. E eu ouvi aquilo e falei: “Martinez, sai daqui, sai daqui”. Poxa! Já pensou o presidente do Corinthians... Eu já tinha essa consciência. Mesmo sendo garotão, eu já tinha essa... “Leva... põe num... Vai embora daqui. Eu estou sabendo o que eu estou falando.” Eles acreditaram em mim. Não deu mais do que cinco minutos, apaga a luz. Meu Deus do céu! O que detonaram aquele restaurante... Tinha aqueles provolones, tinha um cara carregando um provolone que era maior que ele. Na hora que voltou a luz, eu falei: “Putá que o pariu!” Desculpa. É folclore hoje, mas... Isso é um detalhe. Como eu fui um cara consciente nesse dia aí, os caras viram que eu tentei contornar, o pessoal da cúpula dos Gaviões... “Ô Vila, volta, você não está mais suspenso.” “Agora, quem não quer sou eu.” Sabe aquele...?

B.B. – Sei.

C.R. – Mas voltei, porque eu gostava dos Gaviões. Voltei. Só que começou aquele negócio: “Vamos fundar outra. Vamos fundar outra”. Não partiu de mim, mas eu tinha liderança, eu tinha um pessoal que me seguia. Para fundar uma torcida, você tem que ter cara que agregue. Um dia, em... Eu vou já chegar na Camisa 12. Um dia, no fim de junho ou começo de... Não. No meio de julho, foi um pessoal lá em casa, três pessoas: o Raul, que é esse que...

B.B. – O [sócio] número dois.

C.R. – ...o José Couto e o Rubens Cesar, que morava em frente à minha casa. Pegaram ele e foram lá em casa. “Você tem que fundar...” E eu cedi. Eu não queria sair dos Gaviões. Se fosse por ego de ser presidente e tudo, eu seria, assim que eu fizesse 18 anos. Porque eu tinha feito 17, naquele 1º de julho. Se fosse essa a questão. Acredito que... pelo andar da... seria uma coisa até natural. Mas aí, como o Matheus continuava influenciando os Gaviões, continuava... O Matheus, nessa época, já estava fazendo campanha contra o Martinez, com quatro ou cinco meses de presidência. Então começou... Entre essa reunião e a primeira aparição da Camisa 12, que foi em 8 de agosto... E a gente pôs a data de fundação 8 de agosto porque foi a primeira vez que foi no campo. Não foi no dia da reunião. Foi num Corinthians e Palmeiras, um a zero, no Morumbi. Tinham uns dois ou três jogos, eu comecei a falar: “Está a fim de fazer parte da torcida?”. E teve muita adesão. Metade dos Gaviões veio com a... E a fundação da Camisa 12 foi nesse contexto político, do pessoal pró Matheus e contra o Matheus dentro dos Gaviões.

B.B. – Agora, só para eu entender a sequência... Porque, de fato, a Gaviões tem eleições bianuais. Então, tinha sido fundada em 1969; teve essa eleição em 1971...

C.R. – Não, mas isso aí, depois é que começou.

B.B. – Não era... Depois é que começou. Mas então teve o Flávio; depois, na sequência, esse que vocês...

C.R. – O Élcio. O Élcio ficou um mês e meio. Aí entra o Joca.

B.B. – Então, logo que descobriram que ele estava roubando, ele foi afastado.

C.R. – É.

B.B. – E aí entrou...

C.R. – O Joca.

B.B. – ...o Joca.

C.R. – Exato. E foi uma boa escolha. Ele devia ter sido já nessa que eu apoiei o Élcio. E talvez, se fosse isso, talvez não existisse a Camisa 12, talvez a gente tivesse... Podia até ser contra, politicamente, o... Mas esse episódio do Élcio começou esse... e eu ser suspenso dos Gaviões. Então começou a ter divergências que podiam não ter tido. *Se, não é? O se é meio relativo, não é?*

B.B. – E é justamente nesse período, virada dos 1960 para os 1970, que aparece também a Torcida Jovem do Santos, em 1969...

C.R. – Em 1970. De 1969 para 1970.

B.B. – ...de 1969 para 1970; a Jovem da Ponte Preta também – pelo menos, o ano que eles se arvoram como fundadores – é de 1969; a TUP aparece em 1970; a Tusp já existia...

C.R. – Mas a Tusp ressurgiu. Ela ressurgiu em 1970. Ele pegou o mesmo nome que existia antigamente... O Corinthians tinha a torcida em 1945, em 1947. Eu fui amigo do... O primeiro grande líder de torcida do Corinthians foi o Tantã (Francisco João Antonio Piciocchi). O sobrinho dele é amigo meu até hoje, e a filha dele trabalha no Corinthians, a filha do Tantã, trabalha no Memorial, a Tânia. E o Tantã foi um camarada que perdeu a perna num acidente de bonde e continuou indo em jogo. É aquela época em que faziam aqueles mosaicos. Nessa

época, tinha o Tantã e o Casanova, que auxiliava ele, que organizavam esses mosaicos. Isso é histórico. Teve um jogo com aquele time Torino que veio no Brasil, ele fizeram a bandeira da Itália lá. Na volta, esse avião caiu.

B.B. – Em 1949, [o avião caiu].

C.R. – Em 1948 ou 1949.

A.B. – [O jogo foi] em 1948.

C.R. – O Torino era o melhor time da Itália. Era um dos times mais fortes, também. Foi isso aí que...

B.B. – Tirou a força da Itália na Copa de 1950.

C.R. – E eles fizeram a bandeira da Itália. Vai fazer a bandeira da Itália hoje! [**Inaudível**] mata a gente. [risos] É verdade. Se puser verde então! O Gaviões não usa verde no Carnaval até hoje. Eles conseguem mudar o enredo, mas não mudam a... Para homenagear a Amazônia, no Carnaval, eles puseram para homenagear o Garantido e o Caprichoso, porque um é azul e o outro é vermelho, em vez de... **Trouxeram** o Brasil todo, e quando foram **homenagear a Amazônia**... “Não tem jeito, vai ter que pôr mata aqui.” Aí eles mudaram o foco para o Garantido e o Caprichoso, porque um é azul e o outro é vermelho.

B.B. – Então foi um momento em que, dentro do Corinthians e as outras torcidas, começaram a surgir as uniformizadas... para as organizadas. A Tusp, você falou, ela foi refundada, também nesse contexto, acredito que o Hélio Silva ou algum outro...

C.R. – O Hélio Silva.

B.B. – O Hélio Silva. E aí, em 1971, teve essa primeira dissidência, com a Camisa 12. Um ano depois teve a Independente, também, no São Paulo.

C.R. – A Independente foi em 1972. A Independente inclusive usou os estatutos da Camisa 12 de modelo.

B.B. – E um pouco o exemplo de vocês, quer dizer, uma dissidência...

C.R. – Eu me dava bem com a Independente, no início aí. A gente se dava bem. Eu frequentei a sede da TUP, e eles frequentavam... O Cosmo, você esteve com ele, talvez não chegou nesse ponto, mas ele frequentava a Camisa 12. O pai dele era corintiano. [**Inaudível**] também. E enchia o saco dele. Ele morava no Pari. O Cosmo e eu tomamos várias cervejas juntos. Cerveja.

B.B. – E a escolha do nome Camisa 12?

C.R. – A Camisa 12... Primeiro foi Torcida Jovem, que era um nome em moda – a Torcida Jovem do Flamengo, mesmo. E o Camisa 12 surgiu mais com uma ideia de uma propaganda do Unibanco na Copa de 1970, “vista a camisa 12 e vá torcer para o Brasil”. Então a gente falou: “Vista a Camisa 12 e vá torcer para o Corinthians”. Foi baseado... A grande tirada foi o slogan: “O jogador das arquibancadas”. Foi uma tirada...

B.B. – Esse era o slogan da Camisa 12.

C.R. – É.

B.B. – É o slogan.

C.R. – Eu acho que é formidável!

B.B. – E aí vocês fizeram... montaram um estatuto... Já tinham uma sede, nessa fundação?

C.R. – No começo, nós tivemos uma salinha dentro do Corinthians. A mesma salinha que os Gaviões usaram até a formação da Camisa 12, em agosto. Dentro do Corinthians. Em 1972, quando caiu o Martinez, a gente começou a fazer um périplo aí e foi um monte de sede, até chegar na sede própria. Mas no começo foi uma salinha, só para guardar instrumento, e tinha

uma do lado, que não cabiam três pessoas, que vendia passagem, quando tinha excursão. E os bambus, bandeiras, instrumentos, muito tempo ficou na minha casa e na casa do Cléber Meta, esse que eu falei que perdeu os dentes. Então a gente levava para o campo. Ele tinha um Opalão, naquela época lá, e levava os instrumentos um em cima do outro, com a bandeira em cima do carro, e se virava. Era duro. Levava 30 bambus, às vezes, em cima do carro. O carro, ninguém... Nem ferro-velho. Os Gaviões... Não tem problema voltar?

B.B. – Não, não tem problema nenhum.

C.R. – Os Gaviões... Tinha um ferro-velho aqui na rua Sérgio Tomás, perto de onde tem os Gaviões hoje, e o Manolo era o administrador e o dono era o **Armando Saenz**. Esse cara emprestava o caminhão, depois de o dia todo ficar recolhendo ferro-velho. Ele inclusive é **do meu ramo** hoje. [**Inaudível**]. Ele emprestava esse caminhão, mas o caminhão... Sujo era pouco. Você chegava em casa, você tomava banho, tinha aqueles fiapinhos de ferro. Cinco dias, você estava tomando banho... Ele emprestava esse caminhão, subiam 50 em cima. Era assim que os Gaviões iam no... nessa época de oposição ao Wadih, ainda, nesses caminhões aí. Teve uma época que guardava os instrumentos aqui na Frederico Steidel. Aí já é um pouquinho mais perto do Pacaembu. Então, guardava aí. Eram dois ritmistas nossos, um era o zelador do prédio, **o outro** era filho dele, e os dois tocavam bem, então, uniu o útil ao agradável e... Isso aí foi em 1970, nessa época de 1970. A Camisa 12 já teve esse problema de... Quando não dava para alugar o ônibus... A primeira excursão da Camisa 12 já foi um marco. Foi no Rio, contra o Fluminense. Nós levamos 30 ônibus. Nunca ninguém tinha feito excursão nesse...

B.B. – Nessa ordem de grandeza.

C.R. – ...nessa ordem de grandeza. Os Gaviões inclusive viajaram com a gente. Teve essa... A gente teve mais condições de fazer, porque a gente estava dentro do clube. Não é que a gente tinha apoio do clube; a gente tinha... “Se não der certo, alguém vai segurar”. Os Gaviões foram com a gente, nessa excursão. Esse jogo inclusive... Foi um a zero para o Corinthians. O Médico estava lá na tribuna, e a gente estava do lado. Vocês sabem que as torcidas ficam do lado da... no Maracanã. A gente ficava do lado esquerdo e a torcida do Fluminense ficava do lado direito. Ficava do lado onde ficava o Flamengo.

B.B. – Sim, à esquerda.

C.R. – É. Porque o Fluminense... Nós tínhamos um apitador, o Batucada, que ele fazia o diabo com... Tem essas lacunas na vida. Ele vai lá e toca o Hino Nacional no apito. O Médici ouviu, levantou e fez assim... [bate palmas] O presidente da República! Ele ouviu, acredita? É folclore. Mas foi uma puta de uma excursão. Talvez [tenha sido] a primeira grande invasão. Depois foi contra o Fluminense, em 1976. Mas foi a primeira grande invasão de... de a torcida do Corinthians chegar... Porque naquela época, a Rede Globo no Rio, tudo no Rio, a torcida do Flamengo era o xodó do... A torcida do Corinthians era forte, mas não era divulgada.

B.B. – E o próprio Médici se dizia torcedor do Flamengo, ia aos jogos do Flamengo no Rio de Janeiro... Havia uma...

C.R. – Tinha essa ligação também. Então foi... Fizemos a excursão para o Sul, três ônibus, contra o Internacional, dois a dois. Esse jogo, inclusive, eu até passei mal.

B.B. – Porque, também, em 1971, começaram os campeonatos nacionais.

C.R. – É.

B.B. – Já havia a Taça de Prata, mas isso...

C.R. – Foi aí que... Vai chegar nesse jogo Corinthians e Atlético... Atlético e Botafogo, gol do Dario. O Atlético foi o primeiro campeão brasileiro. Esse jogo com o Internacional, no Sul, eu passei mal. Isso é uma coisa mais pessoal minha. Mas me deu uma... Nunca aconteceu isso na... Duas vezes aconteceu. Uma foi nesse jogo aí. Eu apaguei. Eu tinha bebido, mas... Apaguei. Esse Osmar de Oliveira, que faleceu agora, que era cronista da... ele era médico do Corinthians, do time do Corinthians. Me levaram para o vestiário e eu não... No meio-tempo... Eu estou lá no vestiário... “O que eu estou fazendo aqui?” Sozinho, no vestiário do Corinthians. Eu subi a escada, estava o jogo lá. Eu falei: “Ih, cacete!” Voltei para lá. No meio-tempo, os jogadores lá... O Osmar falou assim: “Não sai daqui, seu...” Ele me conhecia. “Não sai daqui. Você está

mal.” Aí me puseram no avião do... Estava o Ado... Nessa época... Me puseram no avião... Eu não podia embarcar, porque nem documento eu tinha. O Felisberto, que era o vice-presidente do Corinthians, ele deu um jeito lá e me... E o Osmar – o folclore está nisso –, o Osmar ficou o tempo todo ao meu lado lá. O negócio foi grave mesmo. Esse cara era bacana *pra caramba*.

B.B. – Isso no Rio Grande do Sul?

C.R. – É. E foi morrer de câncer, não é? Também, ele fumava que nem um... Fumava até agora. Fumava... Médico e tudo, mas tinha esse...

B.B. – Em 1972, o Corinthians chegou à semifinal, contra o Botafogo.

C.R. – Não. Isso aí foi... É, em 1972.

B.B. – Em 1972. Teve o jogo no meio de semana...

C.R. – O Sebastião Rufino, naquele dia lá... Desculpa eu chorar um pouquinho, mas naquele dia nós fomos garfados. Teve um gol do Baldochi lá que [foi anulado] que não tinha nada a ver. Antes desse jogo, em 1971, nós fomos nesse jogo aí do Atlético com o Botafogo, a final, e levamos uma bandeira... O São Paulo dependia da derrota do Atlético para ser campeão. Aí nós falamos... Tinha o casamento de um amigo... “Ah, vamos para o Rio.” Fomos para o Rio, levamos uma bandeira, pegamos um bambu emprestado da torcida do Flamengo, [inaudível]. A torcida do Atlético tocou o hino e o caramba. Foi o maior... Ganhou de um a zero, gol do Dario, que falava que ele parava no ar.

B.B. – Borboleta.

C.R. – Em 1972, esse jogo que você está falando aí, foi uma das maiores brigas de torcida que eu já vi, foi nesse jogo. Nunca vi tanto botafoguense na vida. Aquele jogo... Lotou o Maracanã. A torcida do Botafogo não era conhecida por ser uma torcida tão... Mas lotou. E a torcida do Corinthians levou muita gente, Gaviões e Camisa 12, já. Levou muita gente. Mas saíram umas

brigas lá... Acabou a briga duas horas da manhã, dia de trabalho. E teve esse fato aí de o juiz ter prejudicado, também.

B.B. – Aí o pessoal...

C.R. – Mas não tinha morte. Não tinha essa maldade que, infelizmente, hoje... Não estou justificando a briga. Estávamos errados também. Mas...

B.B. – Era em outra proporção, em outra escala.

C.R. – Hoje, não. Hoje, o problema... Já é calculado, já é planejado.

B.B. – E nesse jogo, em 1972, o Martinez ainda estava à frente?

C.R. – Não, não.

B.B. – Já tinha saído.

C.R. – Tinha saído.

B.B. – E como é que...?

C.R. – Foi no fim do ano. Nessa época, a gente já se olhava meio estranho, nós e os Gaviões. Mas se unia. Nessas horas aí, se unia, mas tinham algumas briguinhas na porta do estádio.

B.B. – E o modelo da camisa da Camisa 12 já era essa camisa de cor branca...

C.R. – No começo, era só o distintivo e o número 12.

B.B. – E a cor branca, o uniforme número um, não é?

C.R. – A cor branca. Era a camisa do Corinthians...

B.B. – Que também, de alguma maneira, contrastava com a camisa da Gaviões, que era toda...

C.R. – Mas um detalhe: a camisa do Gaviões era branca.

B.B. – Inicialmente, era branca.

C.R. – E virou preta por causa da minha saída dos Gaviões.

B.B. – Por causa da Camisa 12.

C.R. – Eu tinha mandado fazer a camisa dos Gaviões, e quem fazia na época era a malharia que fazia para a Seleção Brasileira, a Malharia Athleta... a Malharia Santa Isabel – a camisa da [marca] Athleta, que era da Malharia Santa Isabel, aqui na... Tinha o Bulgarelli lá, o **Giuseppe Carlo**. Inclusive, ele é corintiano, mas o filho dele era santista. Mas eu tenho amizade com... Eu mandei fazer cem camisas dos Gaviões em maio ou junho – e a Camisa 12 foi em julho – e os Gaviões não pegaram. Ele ficou me cobrando essas camisas... Porque eu fundei a Camisa 12. Depois os Gaviões me aparecem com a camisa preta. Eu falei: “Filha da sua mãe!”. Era a camisa...

B.B. – Para contrastar com vocês? Para contrastar com a Camisa 12, que era branca, eles começaram a fazer preta? Foi isso?

C.R. – Deve ter sido alguma coisa. Agora, o pior é que... Como eu acertava aquilo lá? Eu tive... Fiz um bem bolado lá, ele começou a vender para quem aparecia na... Aí já começou as intriguinhas. A camisa dos Gaviões era branca. É essa camisa dos Gaviões, preta, ao contrário: o friso preto... Hoje, o friso é branco.

B.B. – E acabou se tornando mais conhecida do que essa primeira, que muita gente nem sabe que existiu.

C.R. – Mas aí tudo bem. Porque o gavião é preto. Como é que você...? O gavião passou a ser branco, na camisa preta. Que nem a Mancha fazia o Mancha Negra... A Mancha Verde, eles conseguiram, também. Depois assumiram o porco, também. Isso até foi uma tirada talvez inteligente, de assumir o porco. Sabe como surgiu o porco? Só essa é verdade. O resto não é.

B.B. – A gente já ouviu algumas versões.

C.R. – Talvez vocês já saibam essa versão. Talvez eu vá contar uma coisa já repetitiva. Em 1969, quando morreu o Lidu e o Eduardo...

B.B. – Quem?

C.R. – O Lidu e o Eduardo...

J.F. – Atletas do Corinthians.

B.B. – ...dois jogadores que morreram . Teve um Conselho Arbitral, porque não podia registrar mais jogador, e o Corinthians pediu, porque os dois morreram, para registrar mais dois jogadores, para substituir no elenco. O único cara que foi contra foi o Gimenez Lopes, diretor do Palmeiras. Esse Gimenez Lopes, toda a família era corintiana, inclusive conselheiros do Corinthians, mas ele foi lá e... Aí, no primeiro jogo Corinthians e Palmeiras, a gente começou: “Gimenez, porco! Gimenez, porco!”, por causa dessa...

B.B. – Decisão.

C.R. – ...dessa atitude. E do porco do Gimenez foi para o porco do Palmeiras.

B.B. – Olha, essa eu não...

A.B. – Essa é nova.

C.R. – Mas é a real.

B.B. – Então, já no final dos anos 1960.

C.R. – O porco era o Gimenez, e aí passou a ser a torcida.

B.B. – [Passou a ser] o palmeirense.

C.R. – Por causa dessa atitude de não ter deixado registrar. Todos os times aceitaram, menos o...

B.B. – Menos o Gimenez.

C.R. – Então, o Paulinho Serdan tem que agradecer ao Gimenez. Eu me dava bem... Faz tempo que eu não encontro com ele, mas eu sempre me dei bem com o Paulinho Serdan. E eu... Hoje... Vou dar força [**inaudível**]. Eu fazia musculação onde o pai dele fazia, o Michel Serdan. Ele não tem nada de Serdan no nome; o Serdan é por causa do...

B.B. – É Paulo Rogério de Aquino.

C.R. – É Paulo Rogério de Aquino. O Serdan é por causa do...

B.B. – Do nome artístico do pai, vamos dizer assim.

C.R. – Do pai dele. O pai dele é forte.

B.B. – E você fazia na mesma academia do pai dele?

C.R. – Eu tenho amizade com ele. Depois é que eu conheci o Paulo. Tenho muita amizade com ele. Ele fez uma academia na Praça... Ele foi professor na Praça Santo Eduardo, onde saíam os ônibus da Camisa 12. A Camisa 12 começou a se enraizar na Vila Maria.

B.B. – E tinha um perfil ligado, então, ao bairro? Assim, a torcida é daqui...

C.R. – Não, isso não. É lógico que, na Vila Maria, quem era Gavião, 99%... Um não foi, o Cláudio Alves Simões, e acabou sendo presidente dos Gaviões, depois.

B.B. – Quem?

C.R. – Cláudio Alves Simões. Aí também teve um problema lá e acabaram...

B.B. – Foi “saído”.

C.R. – Esse estudou na minha classe, o Cláudio Alves Simões, como outro presidente da Camisa 12 também, depois, o Ricardo, na mesma classe, no Paulo Egydio¹, na época. Esse aí virou meu inimigo, vai, lá no... Ele foi presidente do Gaviões em 1973 ou...

B.B. – Ah! Logo no início.

C.R. – Logo depois.

B.B. – Depois do Joca?

C.R. – É. Essa relação foi conflituosa. Nessa época, houve muitas brigas. Mas a gente tinha umas coisas boas, também, porque uma... Naquela época, a Camisa 12 era forte.

B.B. – Era maior que a Gaviões?

C.R. – Na década de 1970, era, em termos de presença em estádio. Bandeira, ninguém levava mais bandeira no Brasil que a Camisa 12. Isso aí... Pega as fotos antigas que você vê que a Camisa... E a gente tinha essa disputa de mais bandeira, uma bateria melhor... O Pacaembu era uma festa! Os caras entravam antes no campo, seguramente, para ver a entrada da Camisa 12 e dos Gaviões.

¹ Escola Estadual Senador Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, localizada no bairro Vila Maria.

B.B. – “Os caras” quem, os torcedores ou os jogadores?

C.R. – Os torcedores. Hoje, o cara espera o último segundo. Essa proibição de bandeira é uma palhaçada. Bandeira é sinal de festa. Você tirou a bandeira, você está dando campo aberto para outras mentes funcionarem. Quem está pensando em levar bandeira no campo e bateria está pensando em festa, não está pensando em bater nos outros. Hoje, você tirou isso aí, o cara tem cabeça livre para ficar pensando... Então, no Pacaembu, no Morumbi... Mas no Pacaembu, porque até a geografia do estádio aí permitia, a gente jogava as bandeiras por cima do portão, preparava, um lado é Gaviões e um lado é a Camisa 12, e ficava aquele... um olhando para a cara do outro... Porque a gente não tinha muita combinação, não. Não tinha... “Vai você primeiro.” “Vai você primeiro.” Não. E quando jogava fora, também a gente não tinha esse negócio de “vai sentar você...”. Quem chegava primeiro pegava o melhor lugar. E era disputado no... Não era... Aqui no Pacaembu era definido; no Morumbi era definido, mas...

B.B. – Nos outros lugares, quem chegar primeiro...

C.R. – No Beira-Rio, em 1976, foi uma guerra lá para pegar lugar que...

B.B. – Na final do Brasileiro.

C.R. – Na final. Então, aqui no Pacaembu, ficava esse negócio, Gaviões ficava primeiro e a Camisa 12 sentava do meio para lá. Gaviões, do meio para cá. E depois de 1975 tem o Coração, que ficava no meio do... Então, essa entrada era bonita, a bateria, com as bandeiras, cantando. Parecia desfile de Carnaval: o pessoal aqui na arquibancada e aquele corredor. Quando os Gaviões entravam primeiro, era um problema, porque a gente tinha que passar por eles, e eles ficavam com a bateria aqui embaixo, e na hora que a gente passava com a bateria, eles não paravam de tocar. Aí é que eles tocavam mais forte, para atrapalhar. E a gente também tocava mais forte, para dizer que... Mas nunca saiu briga por causa disso. Mas tinha aquele empurrãozinho, assim. A gente tinha que passar em fila indiana, porque não sobrava muito espaço, porque eles ficavam com a bateria. Mas faz parte do jogo. Mas era bonito. Era um negócio de arrear.

B.B. – E você, na torcida, que setor você gostava mais de organizar? A excursão? De cuidar das bandeiras? Da bateria? Ou sendo uma liderança um pouco de tudo?

C.R. – Tudo. Mas eu tinha uma liderança na arquibancada toda. Sabia como...

B.B. – De puxar ou, então, de...?

C.R. – [Puxar] os coros, puxar essas coisas. Eu tinha uma...

B.B. – Na época...

C.R. – No Maracanã, em 1976... É porque eu não tenho essas reportagens. Em 1976, a revista *Manchete* fez duas páginas, sem eu saber, sobre a minha atuação nessa...

B.B. – Invasão.

C.R. – ...nessa invasão aí. Porque choveu nesse jogo. Os Gaviões deram azar. Os Gaviões sentaram atrás do gol e embaixo. O Maracanã é metade só. E a Camisa 12, porque meus batuqueiros resolveram ir para a praia, entrou todo mundo, mas a bateria ficou lá fora. A bateria da Camisa 12 entrou faltando duas horas. A torcida do Corinthians, abriu o estádio, onze e meia, meio-dia, entrou. Na hora que nós entramos com a bateria, só estava entrando fluminense. E para o lado esquerdo, o Corinthians, e para o lado direito, o Fluminense. E eu estava... Não sabia... O diretor da bateria nossa, nessa época, é esse mesmo que é do Vai-Vai hoje, o mestre Tadeu. Eu não sabia se eu matava ele antes ou depois. Eu nem sabia onde estava a Camisa 12 dentro do campo. Entrou todo mundo, mas... Eu, com a bateria, com os que sobraram lá, uns cem... Mas nós levamos 104 ônibus, nesse jogo. Foi a maior... O Gaviões bateu essa marca só na final, agora, do Mundial. Essa tinha sido a maior excursão de torcida organizada, foi a Camisa 12, nessa de 1976. Você imagina você entrar no Maracanã no meio da torcida do Fluminense, com a bateria.

B.B. – Quase suicídio.

C.R. – Por mais que eu sabia que tinha corintiano *pra* caramba, mas eu não tinha entrado, eu não sabia como estava lá dentro. Eu só via fluminense, eu falei: “Agora vai ser um...”. Na hora que a gente... “Ô Claudio, estamos aqui, já seguramos o lugar com as bandeiras e seguramos...” Quase no meio do campo, e na parte coberta. Quando a Camisa 12 armou lá dentro... Eu estava xingando os caras de tudo que é nome. Na hora que deu o chamado do repenique e a bateria entrou, parecia coisa de cinema, tudo programado. Deu uma levantada nas bandeiras... Não tinha um lugar que não tinha bandeira. Você não via gente; só via bandeira. Deu uma levantada, assim, como se todo mundo tivesse programado para levantar na... Pegou fogo. Até aquela hora, a torcida do Corinthians ainda estava... Aí...

B.B. – Levantou.

C.R. – Choveu *pra* cacete. Ainda bem, porque aquele time do Fluminense era dez vezes melhor que o nosso e, em campo seco, ia ser difícil, aquele jogo lá ia ser... Carlos Alberto Pintinho; Doval; Carlos Alberto...

B.B. – Rivellino.

C.R. – ...Rivellino, e um monte de... E o nosso ídolo era o Ruço. Ele era esforçado, mas craque... [risos] Não, vamos falar a verdade. Quem fez o nome lá foi o Tobias. O Tobias era um bom goleiro, mas nunca foi um goleiro de... O Zé Maria, aí está certo. Os dois laterais do Corinthians eram bons, o Zé Maria e o Wladimir. Mas time por time, realmente... A chuva foi...

B.B. – Na saída do Rivellino, dois anos antes, teve...

C.R. – A Camisa 12 foi a primeira a pedir para sair. E explico. Depois o Gaviões pediu também. Corinthians e Palmeiras, o Rivellino já jogava... Ele começou no Corinthians em 1965. Um grande jogador, mas não ganhou nada. E naquele jogo, ele se omitiu. Depois foi falar que o técnico – o técnico era o Pirilo, na época – pediu para ele jogar recuado. O melhor jogador do Corinthians... O time do Palmeiras também era melhor do que o do Corinthians, vamos falar a verdade. Mas o cenário do Morumbi era: 122 mil pessoas, o público pagante – deviam ter 130

mil –, [sendo] 120 mil corintianos. O Palmeiras pegou dois gomos lá de cima, e os outros dez eram do Corinthians. Aqui embaixo não tinha palmeirense, nem na numerada, nem na geral. Eles concentraram nesses dois...

B.B. – Porque, em 1974, eram exatos 20 anos [de fila].

C.R. – Vinte anos.

B.B. – Quer dizer, a expectativa toda em cima do...

C.R. – A pior derrota da minha vida. Escolhe a pior derrota. Outros escolhem Libertadores, agora, que perdeu para o Palmeiras, também. A gente dá muito azar com o Palmeiras em decisão. E com o São Paulo a gente dá sorte. Qual foi o pior jogo? Em 1974, **a final do Campeonato Paulista de 1974**. Esse aí, eu fiquei inconsolável.

B.B. – E por isso, também, a...

J.F. – Você se recorda de alguma briga na saída, em função da derrota?

C.R. – Não saiu muita briga porque a torcida do Palmeiras... Teve um esquema lá... Quer dizer, deve ter tido algum problema. Não foi com a torcida... Para você ter uma ideia, a Camisa 12 sentava aqui, no Morumbi, do lado esquerdo, em frente à televisão, e o Gaviões aqui do lado direito, em frente à televisão, e tem essa rampa aqui que dá quase perto dos Gaviões e a rampa do outro lado. A Camisa 12 sempre entrou por aquele outro lado. A gente não entrava na mesma rampa com os Gaviões. Também tinha isso. A gente sempre... Para evitar encrenca mesmo. “Vamos cada um para o seu lado e...” E lá que saía a torcida do Palmeiras. Lá que entrou a torcida do Palmeiras. Mas nós não encontramos a torcida do Palmeiras lá, porque até a gente sair daqui e tudo... E não teve esse negócio de ir para cima. Não teve. Quem falar está... “Vamos matar esses caras.” Porque a gente estava tão derrotado com...

B.B. – Com o jogo.

C.R. – Porque o jogo acabou com a gente. Não foi o Palmeiras que ganhou; o Corinthians que perdeu. Porque o Palmeiras não fez nada no jogo todo. O Palmeiras estava assustado com aquele jogo lá. Muita gente. Acho que estava até com medo de ganhar. O Boschilla... Teve uma frase, não sei... Ele falou: “Mas vamos dizer que eu quisesse ajudar o Corinthians...”. Porque depois falaram que ele ajudou em 1977. Ele foi o juiz, também, nesse jogo. “Vamos dizer que eu quisesse ajudar o Corinthians. Esses filhos da puta, nem entrar na área eles entravam! Se eu quisesse ajudar o Corinthians...”. Geralmente é pênalti, é arrumar um pênalti. “Esses filhos da puta...” É o temo dele, e eu estou repetindo, eu também... [risos] “Nem na área entrou!” O Boschilla era são-paulino. São-paulino... Falam que, em 1977, ele trabalhava no palácio do governo, ele era da guarda do palácio, também, e o governador era o Paulo Egydio. Por isso que falam que em 1977... Falam. Sei lá se... Deve ter alguma correlação, mas... Deixa *pra* lá. Faz de conta que eu não sei. Mas o Rui Rei chamou aquela expulsão. Se teve alguma coisa, ele se vendeu. Ele chamou, em 1977. Então essa aí foi a pior derrota da...

B.B. – Você vivenciou ali dentro...

C.R. – Nessa época, a Camisa 12 tinha a sede na avenida Rangel Pestana. Em 1972, só para...

B.B. – Sim.

C.R. – Em 1972, teve uma sede pequena, aqui na Praça Julio de Mesquita, na Duque de Caxias com a Praça... do lado da rodoviária. As excursões da Camisa 12 saíam da praça, da Duque de Caxias, e quando não tinha excursão, já tinham os ônibus da rodoviária mesmo, a gente... ou o trem, que também era perto. E em 1974 foi para a Rangel Pestana. Todo o dinheiro que a gente tinha para mobiliar a sede, a gente gastou em fogos, você acredita? Acho que foi o dia que teve mais fogos. Hoje eu sou completamente contra, mas era a favor. Tudo bem, eu errei, mas não tinha essa consciência. Mas, nesse jogo, eu comecei a criar, porque tinha muita bandeira, e soltava fogos, batia na bandeira e voltava, e teve gente que se machucou. Não soube de ninguém grave...

B.B. – Mais seriamente ferido.

C.R. – Mas, se eu soubesse, eu estaria com a consciência meio... Porque foi demais. Foram mais de 300 caixas. **Como você punha** lá dentro [inaudível]. A gente tinha um esquema de pôr até pelo... dentro dos instrumentos, e tinha esquema também que a gente já deixava um dia antes dentro do estádio. Teve vezes que a torcida do São Paulo ajudava a gente, a Independente, porque eles tinham sala aí.

B.B. – No Morumbi.

C.R. – No Morumbi. Se falar isso agora, os caras... É capaz de... A gente já chegou a guardar instrumento lá na...

B.B. – Na sede deles.

C.R. – Não é guardar... “Deixa aí, pegamos outro dia.” A gente já chegou. Se falar isso agora, os caras... É capaz de procurar os caras e matar. É que nem os islâmicos lá, é herege.

J.F. – Eu queria voltar um pouquinho nesse contexto dessa rivalidade entre a Gaviões e a Camisa 12. Tem uma versão que à época foi difundida de que a dissidência se dá porque vocês acabam se transformando...

C.R. – Em torcida oficial.

J.F. – ...numa espécie de torcida oficial. Eu queria que você comentasse.

C.R. – Você veja bem, se fosse isso... Houve esse... Se fosse isso, a gente tinha vivido um ano só. Porque ele ficou um ano. Nem um ano; onze meses. Porque o Martinez caiu no começo de agosto de 1972. Não tem consistência. O problema... É a mesma coisa que eu falar que o Gaviões só existe por causa do Matheus. O Matheus morreu e o Gaviões está aí.

B.B. – Mas, com a saída do Martinez, isso...

C.R. – A Camisa 12 continuou grande *pra cacete*. Se fosse a dependência de alguma ajuda oficial do clube, levava um baque... A Camisa 12 continuou grande. As maiores excursões da década de 1970, sempre foi a Camisa 12.

B.B. – E era inteiramente autônoma? Ou tinha ajuda do clube...

C.R. – Não.

B.B. – ...independente de ser situação ou oposição?

C.R. – Para não dizer que não tinha... Não tinha. O clube ganhava 100 ingressos ou 120 ingressos de cortesia da Federação. Ele passava uma parte para a gente, como passou para os Gaviões uma época, também, uns quatro ou cinco meses que eles ficaram... Mas é coisa de 60... O que [**inaudível**] fazia? Dava para os batuqueiros, dava... Não tinha esse negócio de quem era da Camisa 12 entrava grátis no estádio. Hoje, só o fato de as torcidas organizadas terem acesso mais facilitado aos ingressos lá da Arena, já está ajudando *pra caralho*. Desculpa. Já está ajudando *pra cacete*, vai. [risos] Depois a gente chega a esse conceito. Hoje, o corintiano que quiser ir... Na Arena, o cara pobre não consegue ir. A gente vai chegar lá.

B.B. – Sim.

C.R. – Não consegue. Vai lá comprar o ingresso. Abriu hoje para vender Corinthians e São Bernardo, abriu hoje para vender, só tem ingresso de R\$ 150,00. Corinthians e São Bernardo, hem! Não é Corinthians e Manchester United.

B.B. – Mas os anos 1970, então, a torcida tinha uma sede, ela fazia as excursões, ela tinha os seus associados...

C.R. – E para pagar a sede era difícil.

B.B. – Isso que eu queria entender, do ponto de vista econômico, como é que se mantinha.

C.R. – Em 1974, nós arrumamos... É história e **história**. Um prédio residencial da avenida Rangel Pestana, eu não esqueço o número, 1.292, terceiro andar, tinha quatro, cinco, seis apartamentos por andar, a gente foi fazer uma sede no terceiro andar, num prédio residencial. Imagina se vai dar certo! Residencial. Não tinha um escritório, não tinha... O cara estava precisando lá, era amigo de um cara da Camisa 12 que morava naquele prédio, “eu consigo alugar aqui, você...”. Nós conseguimos ficar um ano e pouco. Fui parar na delegacia quatro ou cinco vezes. Uma vez me chamaram porque eu era corruptor de menores, porque eu estava jogando cartas e tinha menores na... Cara, para me livrar disso, foi... Não dava.

B.B. – Nessa época, você trabalhava ainda na Estrela? Ou você já estava em outro...?

C.R. – Em 1974... Em 1975, eu fui trabalhar na Associação dos Oficiais de Justiça, em 1975. Na Estrela, eu fiquei dois anos e meio, na contabilidade.

B.B. – E conseguia...

A.B. – Era possível conciliar essa fase profissional, o início...

C.R. – Na Estrela... Isso aí eu vou voltar à anterior. A Estrela é de judeus, e judeus corintianos. Eu era um mero *office boy*, um auxiliar de escritório, lá. Mas como eu já estava começando a ser conhecido, por causa dos Gaviões... Porque eu, nos Gaviões, eu não falei, eu era responsável pelas relações públicas – está vendo, eu sou sempre um cara cordial – e divulgação. Então eu inundava... A *Placar*, se você pegar, você pega muita coisa minha lá, cartinhas minhas, uma coisa minha; o Antonio Guzman, na época, [com a coluna] *As 20 Notícias*; o *Notícias Populares*, o Dalmo Pessoa estava começando... E eu sempre fui cara de ir em redação, mandar carta, divulgar excursão. E enquanto o cara não punha a excursão... “Põe aí. Põe aí.” Você tinha que... Você ia na mesa do jornalista. Eu tinha a maior amizade com o Guzman. O Guzman adorava o Wadih Helu, então ficava esse...

B.B. – Embate.

C.R. – ...esse embate. Mas eu frequentava as redações de jornais e eu já tinha um certo nome. Aí eu estou lá na Estrela... Olha o que acontece lá. Os meus dois chefes são dois coronéis. Eu trabalhava no Departamento de Segurança como escriturário – *office boy* com outro nome –, ficava tudo ali, e eu entregava documento para esses... o dono, e o José Marques, que era um assessor dos Adler, que eram os judeus lá... A mulher se chamava **Lieselotte** Adler² e o filho era Mario Adler. Tudo corintiano. E eu entrava na sala dele e via esse negócio do Corinthians, [na sala] do José Marques, e eu comecei a falar do Corinthians com ele, “ah, eu sou Gaviões...”. E quando eu comecei a falar que nós estávamos na oposição do Wadih... Eles tinham um ódio do Wadih... Ele me pôs para conversar com esse filho do dono da Estrela. O meu chefe lá não entendia, porque eu sumia da seção e eu estava... “Com quem você estava?” “Eu estava lá conversando com o...” [risos] Esse cara é muito cara de pau, ele devia pensar. Ele ligava para lá, aí eu estava aqui, assim... Dois coronéis daqueles...

B.B. – Duros.

C.R. – Não ia dar certo, não é? “Não, porque eu quero conhecer esse pessoal aí, porque eu...” E eu levei o Martinez lá na Estrela para conhecer esse pessoal. Esse José Marques foi o tesoureiro do Martinez, depois desse contato. E a Estrela, na época, tinha uma força publicitária enorme, muito maior que hoje... Até lembrei: “Estrela no ar, Pim-Pam-Pum” [cantando], que é a propaganda. Então eles tinham como abrir espaço para divulgar a oposição, e eles começaram a divulgar, começaram a abrir canais esportivos para a oposição. Porque era difícil. Então foi essa coincidência aí e o meu jeito lá que abriu esse canal aí da... Por isso que às vezes você fala assim: “Como é que esse camarada, com 14 para 15 anos, já era fundador dos Gaviões, e com 16 para 17... com 17 anos”, eu tinha acabado de fazer, “é fundador da Camisa 12?” É porque, prematuramente, eu tive esses contatos aí. Já tem cara... A gente vai no Gaviões de vez em quando... Eu não tenho... Faz tempo que eu não vou a lugar nenhum, de sede. Vou lá no Gaviões... “Você foi do Gaviões? Meu amigo também é fundador lá.” O cara tem 50 anos; tinha, na época, 30, o Gaviões tinha 28, e o cara é fundador dos Gaviões. Um dia, eu estava na Vila Maria conversando com um cara... “Você é da Camisa 12? Eu e o Vila Maria fundamos a Camisa 12”, o cara falando comigo assim. [risos] “É? Como é o Vila Maria? É um cara legal?”

² Casada com o fundador da Estrela, Siegfried Adler, e mãe de Mario Arthur Adler. Ver em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6604/6604_5.PDF

“Putá! É um cara bacana!” “Eu ouvi falar mal desse cara, hem!” “Não, o cara...” E o cara saiu de lá sem saber que... Se alguém contou depois... [Saiu] sem saber que estava falando comigo. Porque tem esses folclores. Você vai no Gaviões, só tem fundador lá. Só tem cara maior de 60 anos lá. O Pulguinha, **hoje eu não falei**. O Pulguinha, uma vez, eu emprestei... Ele era ligado ao MST, não tinha onde pôr os caras, eu... Pôs 200 lá na sede. Eu falei: “Pulguinha, daqui a pouco eles vão pedir aqui...” Eu gosto também, mas daí a... “Não, pode ficar sossegado.” Os caras foram legais, mas era para eles ficarem duas semanas, ficaram cinco. Tem cada uma que você fica...

[FIM DO ARQUIVO II]

C.R. – ...mesa-redonda que era famosa na época, tinha o Peirão de Castro...

J.F. – Na Gazeta.

C.R. – ...o José Italiano, esse pessoal. Ele matou o Wadih. O problema é que o Corinthians estava endividado, o Matheus foi vice-presidente de... Não era vice-presidente; era diretor de Futebol, na época, ou vice-presidente. Já era vice-presidente? Tinham feito uma reforma, eu acho que era vice-presidente de Futebol. Ele vai lá, contrata o Vaguinho, na época. O folclore fala que ele deu para o Corinthians. Deu nada! Ele cobrou até correção monetária. A administração teve esses percalços. Começou bem: o Corinthians ganhou... Aquela vitória de quatro a três contra o Palmeiras foi...

J.F. – Aquela virada histórica.

C.R. – Foi logo no começo da gestão do Martinez.

J.F. – Mirandinha, não é?

C.R. – É. Só que aí começou a... Puseram um camarada lá... O problema... Você quer gravar isso aqui ou...?

J.F. – Isso. Se você puder retomar contando... Porque eu perguntei para ele por que o Martinez teve uma gestão tão curta. Ele estava contando.

B.B. – Acho que é importante explicar.

A.B. – Está gravando.

B.B. – Podemos, então.

C.R. – Então houve isso aí. O Felisberto era um advogado bem esperto, também. E depois, o irmão dele, o **Freneto, era assessor** de imprensa. Esse era... E houve uma história inclusive que eles ganharam na Loteria Esportiva, na época, com uma derrota do Corinthians. Aí [**inaudível**]. “Não, foi triplo.” Mas na época... Mas não teve nada disso. É já lavagem de alguma coisa. E o Matheus contratou o Vaguinho, e o Corinthians, sem dinheiro. Aí, quando chega em agosto ou setembro, o Matheus, que era o diretor de Futebol, pede demissão e começou a cobrar esse dinheiro. Na época, o Vaguinho foi a maior contratação, na época. Aliás, o Corinthians, para contratar ponta-direita, contratava... Buião, Paulo Borges, Garrincha... Sempre contratou... E tudo caro, hem! O Martinez começou a se perder. Em 1971, ainda foi...

B.B. – Razoável.

C.R. – ...razoável. O time não chegou a ser... a disputar, mas o time não era tão ruim – tinha aquele Sadi, que veio do Internacional, foi uma contratação. Em 1972, começou a ter problema financeiro. Aí o Matheus, o que ele faz? Dentro de uma má administração, também. Esse Arnaldo Bisoni foi colocado no Corinthians para ser o auditor, para fazer a auditoria da gestão Wadih, porque tinha indícios – e teve mesmo – de muito desvio lá dentro. Teve diretor aí que comprava... muito diretor que comprava material de construção para construir a casa e a nota ia para o... Mas o Matheus começou, por influência desse Mário Campos... O Mário Campos era um Golbery às avessas. Porque o Golbery ainda fez algumas coisas. Era um Richelieu, da Revolução. O Matheus não fazia nada sem ouvir esse Mário Campos. Inclusive têm vários episódios aí de compra de jogadores, para amolecer, financiada por corintianos. E juiz também. Em 1967, **o Heitor, o quatro a dois... quatro a três para o Noroeste, no Santos, no Parque**

São Jorge; o Diogo, contra o Palmeiras, dois gols do Tupãzinho do meio do campo, o Diogo... Diogo não; o Barbosinha, aqui no Pacaembu. Então o Matheus tem essas lacunas. E lá no Corinthians, ele começou a fazer uma coisa pior ainda. “O Corinthians te deve? Então, toma o dinheiro. Protesta. Quando você receber, você me dá.” Começou a pipocar... Teve que esconder o ônibus na época – lembra? –, porque estavam penhorando o ônibus do Corinthians. O Corinthians teve que esconder o ônibus. Era um dos poucos clubes que tinha um ônibus, e foi o Martinez que comprou esse ônibus. Chegou um ponto lá que começaram a minar o Conselho, e o Matheus, com quem ele vai se unir? Com o Wadih, de novo. O Conselho do Corinthians era [formado por] 210 vitalícios e 490... Eram 700 pessoas no Conselho: dois terços quadrienais e um terço vitalício. Nos vitalícios, o Wadih dava de braçada. E se uniram lá, foram minando, minando... O presidente do Conselho era o Anis Aidar. Convenceram ele a sair e assumiu o vice. Quem era o vice? Mário Campos, o mentor do Matheus. Começaram a cozinhar e convocaram uma reunião para o impeachment. Não se acreditava... O Martinez até acreditava que não perderia aquela...

B.B. – Votação.

C.R. – Mas perdeu. Mas foi...

B.B. – E depois...

C.R. – Roubar, não. Isso eu falo. O Martinez morreu com muito menos do que entrou lá. Ele tinha uma fábrica de móveis. Não era rico, [inaudível] e tudo, não era rico, mas tinha uma loja na rua Augusta, de exposição. Mas roubar, não. Um mau administrador, pode ser. Até foi.

B.B. – E depois, não mais...

C.R. – Mas que tinha gente na gestão dele que tinha o negócio de vantagem, tinha. Mas o Matheus [inaudível].

B.B. – E depois...

C.R. – Infelizmente... Ele é muito folclórico. Ele chegava para a minha mãe, e a Marlene... Eu me dou bem com a Marlene até hoje. “Mas por que seu filho não gosta de mim?” Não é que eu não gosto. Ele foi... Uma sede da Camisa 12 que nós inauguramos em 1978, ele foi chamado lá, como presidente do Corinthians. Mas não é legal. O Matheus e o Wadih atrasaram o Corinthians duas gerações. E o Martinez foi a vítima... [O Martinez] foi o único cara que entrou nesse bloqueio. Em todos esses anos de Wadih e Matheus, só teve esse um ano e pouco do Martinez.

B.B. – E depois não...

C.R. – Voltou o Matheus.

B.B. – E depois ele não conseguiu mais se recolocar? O impeachment...?

C.R. – Depois, em 1975, a Camisa 12, um pessoal que era ligado, nós fizemos um grupo novo, que era o José Yunes... Era um pessoal bacana: o cara dos Diários Associados, que era meio parente do Chateaubriand inclusive... Casou com uma das filhas do... filha ou neta do Chateaubriand. Acho que era filha. O Dadinho, o Eduardo **Albuquerque**; o Nabil Sayegh... Era um pessoal... Mas só que não frequentavam o Corinthians, então... O José Yunes foi candidato, teve 521 votos. Foi o quarto. Eram quatro... Isso aí foi em 1975. Aí que o Matheus foi conseguindo os mandatos dele lá. Quando ele não pôde, ele pôs a mulher; quando ele não pôde, ele pôs o Waldemar Pires. Foi aí que o Waldemar Pires brigou com ele. O Waldemar Pires trabalhava com ele na corretora dele. Ele tinha a Corretora Vicente Matheus. A Corretora Vicente Matheus é hoje Walpires. O Waldemar Pires assumiu e... O Matheus foi terrível. O Matheus e o Wadih foram terríveis. E muita coisa que está acontecendo no Corinthians hoje, esse ódio, essa falta de... Todos os clubes têm, mas no Corinthians... O Palmeiras também é triste. A gente sabe que o Palmeiras... A briga lá é de foice. Mas, no Corinthians, o Wadih e o Matheus que começaram essa... E quando estavam fora, se uniam: se uniram contra o Trindade e se uniram contra o Martinez. O Wadih está aí. O Dualib era Wadih. E o Andrés, ele desminta o que ele quiser, ele é cria do Dualib. O Andrés fala que ele é...

B.B. – Vem de torcida organizada, não tem...

C.R. – ...é fundador do Pavilhão. Não precisa perguntar para mim, já estou respondendo: nunca vi ele. Pergunta para o Dentinho, pergunta para os caras que você falou aí, o Pulguinha...

B.B. – O Minduim...

C.R. – ...se alguém viu esse cara na arquibancada alguma vez. Surgiu. O Andrés surgiu. E eu gostava dele, até conhecer os outros lados. Mas gostava. Hoje, ele está começando a ser um cara perigoso para o Corinthians. A gente chega lá no Andrés.

J.F. – Posso fazer mais uma...? Qual foi a participação do Paulo Egydio na invasão do Maracanã? Porque parece que teve um suporte para a contratação de ônibus.

C.R. – Não.

J.F. – O estado não colocou ônibus da CMTC?

C.R. – Não. Não colocou nada. Isso é mentira. Para não dizer que a gente não teve ajuda, a Federação Paulista, parece que deu nove ônibus. Deu metade para nós e metade para os Gaviões. E eu até me danei com esses ônibus aí, porque, naquela confusão de ônibus, eu não achava esses quatro ônibus. E esses quatro ônibus, a gente tinha combinado que pegava eles na porta da Federação... na Brigadeiro. Não teve nenhuma ajuda. Nem do clube. Quem ajudou a incendiar aquela caravana foi o Horta. Ele veio aqui em São Paulo falar: “Duvido que vocês invadam lá. Vocês não vão pegar nem 20%...”. Ele veio... Eu tive um debate com o Horta... Na época, era o Osmar Santos, na Jovem Pan. Estivemos, eu e o Horta, no programa dele. Foi legal. Ficamos uma hora. “Vai ser a estrada das lágrimas, para o Corinthians. Vocês nunca viram uma torcida como a que vocês vão ver...”. Ficou nesse...

B.B. – Provoações.

C.R. – Mas ele veio aqui em São Paulo insuflar a torcida do Corinthians. É um cara bacana, o Horta. Eu fui encontrar com ele agora: no começo do governo Lula, teve um debate de torcida

sobre o negócio de violência e me chamaram para representar as torcidas de... E ele era um dos... Eu acho um cara diferente. Também não sei se ele teve algum [inaudível]. Acho que não. É um dos remanescentes românticos. Porque o dirigente de futebol hoje... Apesar de que eu acho que esse do Palmeiras é diferente. Diferente bom.

B.B. – Que também credita suas origens em torcidas organizadas, que vem da...

C.R. – Mas não...

B.B. – Também, você acha que não...

C.R. – Não é...

B.B. – Foi da TUP, não é?

C.R. – É, foi lá... Esse cara é milionário desde... O cara tem 3% do Itaú. Você sabe isso? Sabe o que é 3% do Itaú? Eu queria ter zero, zero, zero, zero...

B.B. – Só sei que é muito.

C.R. – O iate dele é só Palmeiras. Eu quero falar dele depois, quando chegar no... Também, não quero cansar vocês.

B.B. – Não, é **legal**.

C.R. – Eu quero falar muito do futebol de hoje e da torcida de hoje, porque do jeito que está... E a gente não lutou para isso, Gaviões, Camisa 12, e mesmo a Independente, mesmo a TUP... A Mancha já veio numa fase já de... A Mancha foi criada para brigar, porque ele achava que a torcida do Palmeiras só apanhava e... O Paulinho deve ter falado isso. Só apanhava, e tinha que resgatar...

B.B. – A força.

C.R. – A torcida do Palmeiras realmente apanhava da torcida do Corinthians, do São Paulo e até do Santos, nas brigas que tinha na... E a Mancha veio com essa ideologia de acabar com...

B.B. – Com a sua má reputação.

C.R. – E eles fizeram algumas... Essa que eu estava contando aí: 30 caras invadiram quatro ônibus dos Gaviões. Entraram dentro dos ônibus dos Gaviões. Trinta. E quatro ônibus lotados. Esse Cléo aí que...

B.B. – Isso na estrada?

C.R. – Não. Na subida do... A torcida do Palmeiras, naquele jogo lá... O Morumbi não tinha muita gente. A torcida do Palmeiras não tinha ninguém, naquele jogo lá. Na subida da... Na saída do Morumbi, do lado do palácio do governo, daquela Praça Vinícius de Moraes... Eu falei: “Cacete! O que vai acontecer aqui?”. Ainda bem que a Camisa 12 foi por aqui. Mas eles não queriam a Camisa 12.

B.B. – Eles queriam pegar a Gaviões.

C.R. – Eles queriam... Eu tinha diálogo. Essa época já foi uma época que eu já tinha... Porque teve a Atoesp, e um dos camaradas que mais... O Cosmo inclusive foi presidente, e eu fui relações públicas.

B.B. – Quem foi presidente?

C.R. – O Cosmo. Mas isso aqui é mais para cá. Nós estamos em 1975. Agora, em 1976, vamos falar da invasão.

B.B. – Da invasão e o jogo, depois, da final, no Beira-Rio.

C.R. – Em 1976, teve esse negócio do Horta que nós falamos antes: ele veio aqui... Um jogo antes, a gente jogou com o Santa Cruz, em Recife, foram dois ônibus só. Foi muita gente de avião, mas daqui, mesmo, foi um dos Gaviões e... Era difícil. Naquela época... Hoje, os caras conseguem até ir para o Pará de ônibus. De avião é até mais barato, mas... Foi difícil. E eu inclusive fui de avião, nesse jogo com o Santa Cruz. Porque eu não tinha o dinheiro para pagar o ônibus da Camisa 12, que saía aqui do... O local tradicional, na década de 1970, era em frente ao Teatro Municipal, em frente ao Mappin. Eu não tinha dinheiro. E um cara tinha me oferecido a viagem... Eu falei: “Pode soltar o ônibus que eu fico aqui e arrumo esse dinheiro que falta”. Eu fiquei de refém aqui para pagar [o ônibus]. O torcedor não tem dinheiro. Ainda mais... Uma viagem daquela lá é... Hoje, o camarada... Também tinha, naquela época. Hoje, o camarada entra num ônibus desses sem um tostão e vai, e seja o que Deus quiser.

B.B. – Se vira.

C.R. – Naquele tempo, tinha um pouquinho mais de consciência. Não é que não tinha...

B.B. – Malandros.

C.R. – A gente tinha a manha de falar: “Vamos fazer uma excursão para o Rio? Você vai ter que mostrar algum dinheiro, para entrar no ônibus”. O cara vai ir até o Rio e voltar sem nada? Vai aprontar, não é?

B.B. – Nas paradas de ônibus, não é?

C.R. – Tem cara consciente nesse meio; não é só porra-louca, não. Não é que a gente não tenha feito coisas erradas, fizemos bastante, mas certas coisas, se a gente não coibia... Mas hoje já não está... Hoje virou festa. Então, esse do Recife, eu fui de avião. O ônibus da Camisa 12 chegou lá... Daqui a Recife. Chegou faltando cinco minutos. Nem se ele quisesse calcular...

B.B. – Para começar o jogo?

C.R. – É. Eu estava lá com outros caras da Camisa 12, os caras me chamaram para dar uma entrevista à Rede Globo lá cinco minutos ou dez minutos antes de começar o jogo, para... Aí que a Camisa 12 começou a entrar. “Pega alguém dos Gaviões aí para dar entrevista.” O cara me conhecia, eu peguei... Sabe onde nós fomos? Fui dar a entrevista em frente à torcida do Santa Cruz, com a bateria. Olha o nível de... Estava o maior barulho lá, da bateria. Eu cheguei lá para... “Espera um pouquinho. Dá para você parar um pouquinho que eu vou dar uma entrevista?” [risos] Os caras quase...

A.B. – Voou baqueta.

C.R. – Antes do jogo, isso. Mas aquele jogo foi bacana. Também tinha corintiano... Lá no Nordeste, vamos falar a verdade, tinha corintiano, no Nordeste, mas antigamente era só Flamengo. Flamengo [inaudível], mas o Flamengo era... Eu ia assistir a jogo lá, você não via camisa dos times do local, mas via do Flamengo. O Flamengo ainda é, mas o Corinthians melhorou muito.

B.B. – Os times de São Paulo, de modo geral, também. O próprio São Paulo cresceu um pouco.

C.R. – Mas só tinha...

B.B. – Uma curiosidade de arquibancada: nessa época, as músicas, o que vocês cantavam? Vocês inventavam? A Camisa 12 tinha suas próprias músicas?

C.R. – O “olê, olá” era do Brasil todo: “Olê! Olá! **Meu time** vai botar pra quebrar!”, o Flamengo... Aí depois começou a se criar...

B.B. – O hino do Corinthians, vocês cantavam?

C.R. – Cantávamos. Isso aí, até hoje, não é? Tem música de exaltação, “Sou corintiano...”. Têm várias... E o Gaviões, em 1976, e depois a Camisa 12, em 1985, quando começou a se meter no Carnaval, aí começou a pegar as músicas do Carnaval e levar para o... Essa música que o Gaviões canta até hoje, “Vai Corinthians, vai, não para de lutar, vai torcida fiel”, é o primeiro

samba enredo dos Gaviões, de 1976. E é tudo os caras da Vai-Vai, esses caras que estão aí: Osvaldinho da Cuíca, que é conhecido; quem cantou na avenida foi o Tobias, que foi o puxador da Vai-Vai até... E o diretor de bateria é o Tadeu, que depois veio para a Camisa 12.

B.B. – Não é o Tadeu Piva, não, não é?

C.R. – Não, não. É mestre de bateria, esse aí. Tadeu Piva é irmão do Joca.

B.B. – É irmão do Joca, que era da Gaviões.

C.R. – É chatinho ele. Mas ele ficou legal. Ele é jornalista, não é? Eu quase fui. Eu fiz dois anos de Faap aí, para publicidade, e parei. Eu fui me formar em história na USP, depois de fazer dois anos e meio de Faap e fazer dois anos e meio de ciências sociais na USP. Eu tive aula até com o FHC.

B.B. – Sério?

C.R. – Até apoiei ele para prefeito. Eu era ligado ao PCdoB na época e na época o PCdoB...

B.B. – Apoiou o...

C.R. – ...apoiou ele, contra o Jânio, aqui. Quando ele sentou na cadeira.

B.B. – Então você fez a Faap e depois foi para ciências sociais na USP? Fez também dois anos? Ou completou?

C.R. – Não me formei, não. Só me formei em história, depois de velho.

B.B. – Aí depois fez história. Onde você fez história?

C.R. – Na USP.

B.B. – Na USP.

C.R. – Fiz só por... Para não dizer que nunca dei aula, dei umas quatro aulas na vida.

B.B. – E tinha um pouco a ver com esse perfil político, de você gostar de... ser de esquerda, e aí, por isso...

C.R. – Na Faap, aqui, em 1974 e 1975, teve aquelas manifestações, naquela época, eu estava na... Foi lá no Largo de São Francisco, onde tem aquele púlpito lá. Na hora que eu fui falar em nome da Faap lá, me pegaram. Eu passei um dia lá na Tutoia. Mas não fizeram nada. Nem um dia. Foram 18 horas.

B.B. – Ah! Isso que você mencionou do DOI-Codi.

C.R. – Foi por causa disso aí. Mas não aconteceu nada, em termos de... E eu era ligado ao PCdoB na época e eu andava com o carro do meu pai. Aí pegaram a carta do meu pai e foram atrás dele. E ele não sabia de... Apesar de que tem um tio meu que era, lá atrás, muito ligado ao... à Vanguarda lá. Era comunista.

B.B. – VPR?

C.R. – Stalinista, na época. Ligado ao Marighella.

B.B. – Sim.

C.R. – E teve uma época... Isso aí é fora de torcida. Os caras vão me planejar um ataque na Goodyear, onde meu pai trabalhava. Meu pai trabalhou 42 anos lá. Depois acontece de eu estar distribuindo o *Classe Operária*, que era o jornal do... os caras me perseguiram, pegaram a placa e foram atrás do meu pai, e meu pai... “Mas que...?” Eu expliquei para ele. Mas deu para...

B.B. – Se safar.

C.R. – A gente participou muito. Aquela Marcha dos Cem Mil, nós mandamos quatro ônibus da Camisa 12 lá para Brasília. O Aldo Rebelo, quando ele chegou em São Paulo... Ele não era esse Aldo *light* de hoje, não. Porque hoje ele virou um sabonete... Eu gosto dele e tudo, mas virou um... Eu sou marxista, mas, entenda como você quiser, também sou kardecista. Aí vem... “Como é que pode?”. Eu me identifico com... E os dois viveram no mesmo lugar, na mesma época, em Paris, o Kardec e o Marx. Mas o Aldo Rebelo virou um religioso que eu nunca vi. Ele não era. Agora, qualquer coisa é “pelo amor de Deus!”. Ele ia assistir jogo com a gente. Ele agora é conselheiro do Palmeiras, mas ele ia. Quando ele chegou de Alagoas, a primeira campanha dele, em muitos lugares ele ia com o meu Fusquinha, no interior e o caramba. Foi aí que eu peguei amizade com ele. Esse Walter Feldman aí... A pior coisa para o comunista é o cara que já foi comunista. Esse Walter Feldman... É cada uma! Então, teve essa ligação aí. O jogo Corinthians e Palmeiras, quando a gente começou a xingar os guardas lá, na briga que teve lá, começou a xingar a PM, o Aldo... [risos] Se falar para ele que ele fez isso, ele vai... **Se escondeu**. Também, depois de dois ministérios, aí fica... É difícil. Olha, o poder deixa as pessoas meio...

B.B. – Inebriadas, vamos dizer assim.

C.R. – Quem viu a... Eu trabalhava na Volks, na época da avenida Euclides. Eu ia lá. Meu primo, casado com a minha prima, era o cara quente da Volks, corintiano fanático, ia a jogo comigo. Ele me segurou cada ponta, por causa desses... Porque eu ia nas assembleias, e os caras queriam menos... E o chapéu que eu dava lá, quando tinha jogo! Essa é folclórica. Eu não quero falhar o ano. Não sei se foi em 1979. Eu trabalhava no Departamento Médico da Volks e tinha uma excursão que ia sair... Eu tinha que chegar num lugar aí às quatro horas, quatro e meia. Eu arrumei um telefonema, para me ligarem que tinha acontecido um negócio, que eu tinha ido. E o cara da ambulância lá, eu já tinha armado o esquema com ele: “Você vai ter que ir para lá, não é? Então você me dá uma carona?”. Ele sabia que eu... Em Diadema, ele me... Um carro me... Ele ligou... Não tinha doente. A ambulância não tinha doente. Ele ligou a sirene, foi andando, um cara bate nele e a ambulância... Não machucou ninguém. Mas todo mundo estava preocupado se tinha um cara na... sendo levado. Não fui no jogo. É folclore, mas é... Aconteceu. Faria de novo? Não. Estou falando... Também não sabia que o cara era tão xarope de... Acho

que no fim acabou dando certo. Acho que ele ficou com uma consciência, depois dessa. Podia ter acontecido com... Mas deixa para lá.

J.F. – Como é que foi a participação da Camisa 12 na festa da conquista de 1977? Vocês prepararam alguma coisa de...?

C.R. – Foi no Morumbi. Esse aí foi.... A festa mesmo estava programada para o domingo. A gente acabou fazendo... A bateria da Camisa 12 fez na Vila Maria, porque a sede estava na Vila Maria, os ônibus foram para lá e a gente ficou... O povo já estava esperando na Praça Santo Eduardo, não tinha jeito de pegar esse pessoal, ir para a cidade e depois soltar o pessoal lá à noite. Aqui teve festa em tudo que é lugar. Na Vila Maria, só te falo uma coisa, lotou aquela [avenida] Guilherme Cotching lá que não... E ia para lá, ia para cá, uma multidão, aquele...

J.F. – Mas a festa mesmo estava preparada para o domingo?

C.R. – Tanto é que no domingo, perdeu o jogo, a gente chegou na Vila Maria, a gente começou a tocar e reuniu uma multidão, e saímos. Mas também Deus... Vou falar em Deus. Eu creio em Deus. Ao contrário do Aldo, que não acreditava, eu já acreditava. Se ganha no domingo, não sei, não. Já tinha estourado aquele negócio lá... Se lembra que estourou a... Tinha um palanque lá que estourou lá... Por pouco não pega fogo na arquibancada. Porque se estivesse cinco metros para trás, pegava. Subiu a labareda. Já deu um... Isso aí foi duas horas antes do jogo. Se o Corinthians ganha aquele jogo... Tinham 145 mil pessoas lá dentro. Você não conseguia andar. Não tinha um local que não tinha alguém sentado no colo de alguém, um corredor... Não tinha. Eu não sei, se ganhasse no domingo, o que ia acontecer lá. Foi muita irresponsabilidade. Também acho que o estádio não cabe tão pouco como estão falando agora, mas 145 mil num estádio que... Hoje, você põe 70 mil no Morumbi, com cadeirinha... Era muita... Como o Maracanã. Eu fui assistir, em 1969 – eu era Gaviões –, àquele jogo que ganhou do Paraguai, que foi o maior público do Maracanã.

B.B. – Foi o maior público, 183 mil pagantes. Pagantes.

C.R. – Foram 125 mil pessoas na arquibancada, lembra?

B.B. – Sim.

C.R. – Falaram até em 130 [mil].

B.B. – É.

C.R. – E ainda tinha a tribuna, hem!

B.B. – Cadeiras comuns, especiais...

C.R. – Eu fui assistir também ao Flamengo e Atlético Mineiro, para torcer para o Atlético, quando o Flamengo foi campeão...

B.B. – Aquele de 1980?

C.R. – Em 1980.

B.B. – Do Reinaldo... Três a dois.

C.R. – Não sei se você é flamenguista, mas o que fizeram com o Atlético naquele jogo foi sacanagem. Expulsaram o Reinaldo porque ele voltou mancando. Ele estava mancando, quando marcou o segundo gol. Ele voltou mancando. O juiz expulsou ele porque ele estava fazendo cera.

B.B. – E nesse jogo, você já ficou na torcida do Atlético?

C.R. – No Atlético.

B.B. – Porque também foi um jogo marcado já pela...

C.R. – Briga. Foi aí que começou a... Quer entender as torcidas? O Atlético brigou com o Flamengo, e o Palmeiras não gosta do Flamengo. O Atlético decidiu com o Flamengo. O Palmeiras já tinha amizade com o Vasco; o Atlético se uniu com o Vasco. Começou aí. Como é que um Palestra Itália de São Paulo não é aliado do Palestra Itália de Minas? Aí a briga não foi de quem gosta... Foi conveniência de briga, de união de briga. O que tem que ver o Fluminense? O Corinthians estava mais unido com o Fluminense, anos atrás, do que com o Flamengo. O que tem que ver o Corinthians com o Fluminense? Hoje, o Flamengo é mais São Paulo, em termos de...

A.B. – De amizade.

C.R. – [Em termos] de amizade. O Corinthians conseguiu, não é? Não é mérito da... O Corinthians conseguiu brigar com todo mundo. O Corinthians vai no Sul, o Grêmio não gosta e o Internacional não gosta; vai no Paraná, os três não gostam; vai em Minas Gerais, os dois não gostam. O Corinthians...

B.B. – Houve esse momento pós-invasão de 1976 em que teve essa aproximação com o Flamengo, que durou um tempo.

C.R. – Em 1976, essa invasão, a torcida do Botafogo estava do lado do Fluminense; a torcida do Flamengo e a do Vasco estavam com o Corinthians. Um monte de bandeira do Vasco. Era um monte. Tinha mais Flamengo, mas tinha um monte de bandeira do Vasco. Foi depois desse... Começou nesse aí... Esse jogo aí foi um termômetro das uniões.

B.B. – Agora, me diz se isso procede, porque aí, com o tempo, se selou essa amizade das torcidas do Flamengo – teve a Fla-Fiel, teve aquele jogo com a volta do Roberto –, e a partir de um momento se dizia que a Gaviões era próxima da Torcida Jovem do Flamengo e a Camisa 12 com a Raça. Era isso mesmo?

C.R. – E teve uma briga... Foi em 1980? Quando perdeu de cinco lá do Vasco...

B.B. – Foi em 1981 ou...

C.R. – Em 1980. A preliminar foi Flamengo e Bangu.

B.B. – Isso.

C.R. – Aí o Matheus... O Matheus subiu na arquibancada junto com o Márcio Braga. O Márcio Braga não pôs a camisa do Corinthians, mas o Matheus estava com a camisa do Flamengo. Aquilo já irritou a gente, assim, em termos de... Se um está com a camisa, o outro tem... Passeou lá. De repente, estoura uma briga: nós e a Raça contra Gaviões e Torcida Jovem. Você acredita nisso? Aconteceu nesse jogo. Uma briga de meia hora. Ninguém estava entendendo nada. Os outros caras que estavam assistindo lá... Flamengo brigando com Flamengo, corintiano brigando com corintiano. Era a Camisa 12 e a Raça contra a Jovem e...

B.B. – Então, de fato, vocês tiveram uma proximidade com a Raça durante um tempo.

C.R. – Tivemos. Até [**inaudível**] depois, numa época aí, contra a minha...

B.B. – Vontade.

C.R. – ...vontade, vou ser sincero. A Camisa 12, vamos falar a verdade, chegou uma época... Até 1981 ou 1982, a gente ia para o pau, também. A TUP não podia ver a gente. A Independente... A gente tinha a sede aqui na Conselheiro Crispiniano, em 1978 ou 1979... de 1978 até 1980, e a Independente, no mesmo lugar que eles estão até hoje, na 24 de Maio. Eles não passavam por aqui, não. O negócio era... Teve uma briga aí que entraram dentro de uma drogaria, caiu até... Foi um negócio... A Camisa 12 era... Tinha pegada também. Mas as brigas não eram planejadas. Não estou justificando, estou apenas dizendo que, se se encontrasse, era que nem cão e gato, ficava...

B.B. – Rosnando.

C.R. – Se não se encontrasse, está lá, está aqui. Não ficava procurando. E a gente era muito perto, com a Independente aqui. Mas depois da década de 1980... Mudou um pouco agora, mas

a Camisa 12 foi a torcida que mais promoveu paz, aqui em São Paulo, em termos de reuniões com... As maiores reuniões de torcida, depois da proibição, foi tudo na Camisa 12. Os caras falavam... O cara da Mancha: “Na sede sua, eu não vou”. A Independente: “Na sede...”. Sabia que não ia ter crocodilagem, não ia ter... ninguém ia preparar nada. Teve reuniões aqui na Rio Branco com a Ipiranga, uma vez que os Gaviões e a Independente, lá na Zona Sul, estavam matando um por semana lá. Literalmente. Não estou... Ia ter um jogo e tinha que ter um acerto de como ia fazer para sair os ônibus de lá. Chamaram eu, para acertar... Vêm os líderes daqui... O Gaviões veio com cem e a Independente com cem. A Independente veio daqui do Largo do Paissandu, e o Gaviões daqui da Rio Branco, da sede, e eu e mais um cara da Camisa 12 no meio. Eu olhei para o Metaleiro... Eu conhecia o... Era o Sukita, o presidente da... Esse cara está preso. Acho que saiu agora, não é? Esse cara não teve culpa nenhuma da... Soube do episódio da morte, no Carnaval...?

B.B. – Sim. Da Independente, que... Sim.

C.R. – O Sukita, jogaram ele no...

B.B. – De bode expiatório.

C.R. – O Sukita se dava bem comigo. Então eu falei: “Cara, o que eu vou fazer aqui?”. O Metaleiro, do Gaviões. Eu falei: “O que eu vou fazer?”. Eu via que... Os caras estavam armados. Não era só... “Vem cá. De onde você vai sair?” Eu não conhecia porcaria nenhuma lá da Zona Sul, assim, o tal bairro, a tal praça. “Está bom para vocês? Está? Está bom? Acabou a reunião. Está legal? Pessoal, vocês ficam aí para me pagar a cerveja.” Sabe para quem eu falei isso, para me pagar a cerveja? Para a Independente. Cheguei para o Metaleiro, dei uma piscada... Assim, rapaz! Como é que você vai sair dali? Eu tinha que sair com a Independente. Eu não podia sair com a Gaviões. Eu, com Camisa 12 do pé às cabeças: blusão... Saí com a Independente e fiquei bebendo com os caras aí no Largo do Paissandu... Aí chega um dos maiores bandidos que tem na Independente: “O que esse cara está fazendo aqui?!” Eu falei: “O que você está fazendo aqui? Porque você está aparecendo aqui?”. Aí eu... Eu já segurei as pontas até agora, o cara chega lá e me estranha, porque eu estava de...

B.B. – De Camisa 12.

C.R. – Aí depois me falaram: “Esse cara já matou...” “Ih!” Mas eu era bom de lábia. Se o cara quisesse bater em mim... Mesmo com o meu tamanho, eu não sou muito de... Tem que bater logo, porque se deixar eu conversar, eu consigo levar na... [risos] Tem que...

B.B. – Mas que situação, hem?

C.R. – Porra! Outra vez, o Paulinho Serdan ajudou, no mesmo Sujinho lá. Marcamos lá dentro. Vieram quatro caras da Mancha para ajudar, quatro caras da Camisa 12, a Independente e Gaviões. A reunião está bem, aí chegam 40 caras dos Gaviões para pegar os caras, o irmão do Pulguinha inclusive.

B.B. – Tomás... Não.

C.R. – Ele foi presidente.

B.B. – Foi presidente.

C.R. – Chega uma hora, ele pula em cima da mesa, para... É um local fechadinho. Ele pula em cima da mesa, para pegar o cara da... Acho que é... Não é o Danilo, não. O Danilo é [inaudível]. É um cara folgado, também. Sabe o que eu e o Metaleiro fizemos?

B.B. – O Batata? O Negão?

C.R. – Sabe o que eu e o Metaleiro fizemos? Seguramos o... Está me falhando o nome agora.

B.B. – O irmão do Pulguinha.

C.R. – Seguramos o cara no ar, aqui. E 40 caras dos Gaviões lá fora. Eu falei: “Vocês...”. “Deixa eu bater nos caras! Você não é corintiano?!” Eu falei: “Vocês me chamaram para ser traíra? Eu chamo os caras para a reunião e agora vou chegar para os caras e...?”.

B.B. – Entregar.

C.R. – Esses lances que têm em torcida. E eu falei para os caras da Camisa 12 que estavam comigo... Inclusive, um saiu de presidente agora, o Capão. Estava presidente... Está para sair agora. Ele está ainda presidente. Eu falei: “Capão, se a gente não for nos Gaviões agora” – no dia seguinte era Corinthians e São Paulo –, “amanhã, quem vai se danar” – porque a Gaviões, nessa época, já estava bem maior que a Camisa 12 –, “quem vai apanhar é nós, porque os caras saíram daqui putos não é com a Independente, não; saíram putos comigo”. Não deu outra. Cheguei nos Gaviões... “Ô Vila, por que tu não deixou...?” “Porra! Não foi assim que eu conheci o Gaviões.” Aí me deixaram falar. “Cacete! Como é que vocês querem pegar...? Eu reuni quatro caras, para vocês...?”

B.B. – Chegarem 40 e...

C.R. – Mas se eu não fosse com a turma lá, no dia seguinte ia sair uma briga do... Tem muito disso. Porque até você provar que aquilo que se falou não é verdade, já se espalhou. E outra coisa: a mentalidade da torcida, infelizmente, é essa, os caras... Jogou Corinthians e São Paulo ontem. A discussão na quadra não foi que o Corinthians ganhou do São Paulo; é se conseguiu pegar alguém na esquina, se conseguiu... Os caras não estão nem aí com o resultado. Uma camisa do adversário é melhor do que um gol. Infelizmente...

B.B. – Quando você acha que isso passou a prevalecer?

C.R. – Já tinha lá, mas não era...

B.B. – O principal.

C.R. – ...o negócio... O Gaviões, a maioria dos caras são legais. Mas é que as torcidas ganharam uma proporção tão grande... E o romantismo que a gente tinha, não tem hoje, não. Você fez uma pergunta, e foi pertinente, o negócio... “Vocês foram oficial?” Eu falei em 60 ingressos. Hoje, a torcida do Corinthians tem 7.500 ingressos, num setor que todo mundo quer, das

organizadas. Nós nunca tivemos isso. Os Gaviões antigos, o Dentinho... Você abre o *site*, vou repetir “venda liberada para...”. Você vai lá, o ingresso mais barato é R\$ 150,00. Corinthians e São Bernardo. O Palmeiras é a mesma coisa. O Paulo Nobre briga com a Mancha, mas ele não tem essa força toda para brigar e...

B.B. – E romper.

C.R. – ...e cortar... Gaviões interessa para o Corinthians? Acho que interessa. É bom para o Corinthians? É lógico que é. Mas tem de parar de confundir as coisas. Não sou eu que estou falando, não. Os Gaviões falam. O pessoal antigo fala. Tem eleição no Corinthians, não tem participação nenhuma. Antigamente tinha. Nessa do grupo novo aí, o Gaviões apoiou o Matheus *pra* caramba e nós apoiamos o grupo novo *pra* caramba. E em outras eleições, eu estava de um lado e [eles] do outro. Discussão. Hoje não se discute o Corinthians. Esse elo que está perdido. E isso tudo, por incrível que pareça, começou com a proibição de torcida, em 1995, porque o foco foi tirado da torcida como festa, como organização, como isso e aquilo e passou... Você vai no estádio, as bandeiras... Corinthians e São Paulo, quando era dividido, as bandeiras não deixavam nem você ver a torcida do São Paulo. Hoje, você vai no estádio, você senta lá duas horas, vê os caras lá, você fica falando: “Ô seu filho daquilo, vou te matar!”. Você não tem o que fazer. Ou o cara fica lá fora enchendo a cara. Eu bebi muito mais depois da proibição do que antes. Porque depois da proibição, eu comecei a entrar no estádio faltando cinco minutos. Barraquinha lá fora... Agora proibiram. O cara já entra lá dentro já... Antigamente, não, tinha o ritual das bandeiras, tinha o ritual disso, o ritual daquilo. Foi um tiro... Esse [Fernando] Capez conseguiu. Ele hoje vai ser até presidente da Assembleia.

B.B. – Cogita-se até no nome do... para prefeito, pelo PSDB. Pode ser até que ele seja um candidato.

C.R. – Você pensa que a direita é fraca, meu amigo? A direita... Esse camarada tem traços de nazista. Eu estou falando dele aí porque eu falei para ele já. Porque ele é aquele camarada que chegou numa reunião comigo assim, falando assim, que ele acreditava no paulista forte, o paulista de raiz, o paulista **quatrocentão**. Caramba! Você vai lá para... A maioria desses caras não está sabendo... Esse discurso é daqueles... é daquela grande Revolução de 1930 que teve

aqui, que era para preservar os interesses dessa elite. E está cheio ainda. Aqui em São Paulo está cheio. São Paulo consegue... É verdade. Os caras estavam batendo as panelas aí, parecia coisa de... Eles nem sabem o que eles estão fazendo. Deixa eu dar minhas tacadas. Assim, eu libero um pouquinho da minha adrenalina.

J.F. – Mas a tua experiência no estádio novo do Corinthians, na Arena, qual é?

C.R. – A pior possível. Aquilo não foi... Não foi para aquilo... E agora o pessoal está percebendo. Não foi para aquilo que nós lutamos para ter estádio. O Corinthians... Eu vou voltar para a origem: o Corinthians foi fundado no povo. Foi o segundo time a ter negro. O primeiro deve ter sido o... Falam do Vasco e falam também do Bangu, lá atrás. Vai, um dos primeiros. Aqui em São Paulo foi o primeiro. Foi um time que nasceu popular, um time que não disputou o campeonato de 1915, o segundo campeonato aqui, porque era muito povo. Porque os caras iam de gravata no... Era um acontecimento social, o futebol, na década de 1920. O Corinthians rompeu com isso para ser um clube popular e faz um estádio que tem 8 mil, 9 mil lugares a menos, popular, que o Pacaembu? Você não consegue... Se um corintiano quer ir num jogo, não consegue. Vão ser sempre os mesmos. A questão econômica, se resolva. Se deixasse de pôr aqueles mármores que pôs lá, aqueles vidros lá, você punha mais 20 mil lugares lá. E outra coisa, foi uma traição. Quando foi ganho aquele terreno, lá pela época do Matheus... E depois a gente ficou enrolando, enrolando... Eu participei, junto com outros caras aí... Quando o Jânio Quadros era prefeito, ele queria tirar o terreno lá, naquelas... Podia ser até que ele não quisesse, mas ele gostava daquelas tiradas, para aparecer. Mas ele estava a fim mesmo. Fizemos uma reunião com o diretor do Corinthians na época, o José Mansur, levamos o Rivellino – até o Rivellino, que eu tinha brigado –, levamos o Rivellino, levamos o José Maria, que depois foi vereador e o caramba. Foi aqui em cima, na casa do Zezinho Mansur. Ele morava aqui. Agora ele está morando no Morumbi. Ele foi o diretor da... campeão e o caramba. O time que foi campeão do mundo lá no Rio, praticamente foi ele que montou. O pai dele tinha amizade com o Jânio e tinha quebrado galhos do Jânio. Fizemos tudo isso aí para preservar aquele terreno. Aí você tem um terreno daquele tamanho... Vocês já foram no estádio lá?

A.B. – Eu já.

B.B. – Ainda não.

C.R. – Você já foi? Você viu o tamanho daquele terreno? E faz um estádio daquele tamanho?! Pelo menos, faz prevendo que... Para crescer. Eu fui correr... Eu gosto de correr. Eu faço maratona. Eu já fiz 13 maratonas. A do Rio, ano passado, eu fiz, aquela da... Estava um frio... Nunca vi fazer frio no Rio, foi fazer naquele dia. Um frio e uma chuva no Rio, na maratona do ano passado, que eu vou te falar. Aqui em São Paulo, fez um calor de 37 [graus]. Virou.

B.B. – Trocou.

C.R. – Julho não é para fazer calor no Rio, mas não aquele frio. E teve uma corrida lá no... duas corridas em volta do estádio na mesma semana, uma no feriado e outra no domingo. Eu fui lá... E eu sou ligado ao Corinthians. Eu não sabia que era daquele tamanho. Porque a corrida foi em volta. Está cheio de platô lá, está cheio de coisa lá. Fizeram um estádio para a classe B para cima. Não é que não tenha tido lugar para fazer. Acho que podia manter todos esses lugares para... mas não fazer um estádio onde a torcida... O pobre foi jogado para trás do gol, sem cobertura, sem nada.

B.B. – E as torcidas, no confinamento.

C.R. – No confinamento. Não pode... E outra coisa, é um convite para... Já saiu briga entre as torcidas lá.

B.B. – Protagonizou...

C.R. – Aquela da Camisa 12 com a...

B.B. – Quase **foi vítima**... E o tratamento do policial ali, também, já vai com...

C.R. – Não é um gueto? Eles não tinham para onde ir.

A.B. – Não tem saída.

C.R. – No Pacaembu ainda tinha um corredor aqui em cima. Tanto é que a maioria está com saúde. Não fala... É duro. Mas eu falei isso para o Andrés. “Andrés, um estádio para 48 mil pessoas? Está louco?” “Não, você tem que entender que o futebol...” Resposta dele. Foi aí que eu comecei... “Futebol não é mais para... Futebol é só para quem tem dinheiro.” “Você está falando isso do Corinthians, rapaz!” Como é que você vai... O Corinthians, que... Eu sou meio utópico. O que eu vou falar é utopia. O Corinthians não ganhou o terreno da prefeitura? Não ganhou esses CIDs da prefeitura? Não está pegando um empréstimo subsidiado aí do BNDES? Fora que superfaturaram *pra cacete* esse estádio. Está quase o dobro do preço [do estádio] do Palmeiras. Como? Vê os dois estádios. É difícil falar isso, sabe? Eu falei: “Andrés, nós não somos banco; nós somos a torcida do Corinthians!” Não estou falando em torcida organizada, não; estou falando torcida. Não está conseguindo assistir jogo, cara! E a revolta... Quem vai depredar aquele estádio no momento ruim vai ser a própria torcida do Corinthians. Um cara te liga do interior, “arruma cinco ingressos aí para...”. Arrumo. Cento e cinquenta cada um. Cento e cinquenta, Corinthians e São Bernardo. Corinthians e...

B.B. – Libertadores, jogo da Libertadores...

C.R. – Libertadores, você pode esquecer. É só o “vipão” lá, de R\$ 250,00 ou R\$ 400,00.

J.F. – Na Libertadores esse ingresso de R\$ 150,00...

C.R. – Ainda está. Eles estão mantendo. Mas só vende nesses jogos, os...

B.B. – Os menores.

C.R. – ...os maiores aí. Aí ele fez um discurso das... Esse assunto te interessa, não é?

B.B. – Claro!

C.R. – Ele fez um discurso [falando] daquelas arquibancadas provisórias. Porque eu fui na inauguração... Quer dizer, na inauguração, não; numa festa de aniversário que teve, com a Ivete Sangalo, quando o estádio não estava pronto ainda. Foi antes do acidente lá da...

J.F. – Do guindaste?

C.R. – É, do guindaste. Eu talvez tenha sido o único cara... E o Andrés, hoje, virou meu inimigo. Ele pode. Agora ele está rico, está tudo, pode ser inimigo de quem ele quiser. Eu olhei lá para dentro... Eu talvez fui o único cara que não falei assim: “Oh!” [com grande espanto] Eu falei: “Oh!” [sem admiração] Agora, se tem uma coisa que eu fui foi em estádio. Na hora que eu vi aquilo, eu falei: “O que é isso?” Lá fora... Você vai em estádio de futebol para ver mármore e espelho? Se você for um narcisista, lá é... [risos]

J.F. – É o lugar.

B.B. – É o ideal.

C.R. – Esses caras de academia que gostam de ficar... Lá, o cara vai se divertir, ele vai ver de todos...

B.B. – De todos os ângulos.

C.R. – Ele vai no banheiro, põe a mão e já está lá a água, não precisa de nada. A primeira coisa que aconteceu nessa festa de bacana aí, que teve a Ivete Sangalo, **só tinha** uísque... Eu falei: “O que é isso?”. Eu estava me sentindo mal. Não que eu não goste de uísque. Até gosto muito. Mas não é minha visão de Corinthians, entendeu?

B.B. – Esbanjando, não é?

C.R. – Por que esses estão aqui e os outros não estão? O que aconteceu lá? Um engraçadinho mexeu com um cara dos Gaviões e apanhou lá dentro... Estou falando só esse relacionamento. Uns caras da Camisa 12 vão lá e picham os banheiros. Está faltando diálogo. Sabe por que eles

não estão brigando? Por isso que eu acabei de falar: 7.500 ingressos. Manda ser igual aos outros e comprar no Fiel Torcedor. Eles já tinham quebrado tudo lá. Ontem, lá no Morumbi, quem estava lá?

B.B. – A torcida organizada.

C.R. – E não é Fiel Torcedor? Então são tudo coisas aí que estão deturpando o negócio. E o Fiel Torcedor, só vão os membros, porque só vão aqueles que têm a quantidade de... É justo? Não é justo? Não sei se é justo ou injusto, só sei que... Então, quer dizer que só vai ter direito a ir em jogo essas **40 mil** pessoas? Trinta milhões que falam aí... Se quiser um jogo grande, tem que jogar no Maracanã, numa final contra o Bangu, para ser só a torcida do Corinthians. Quer dizer que a torcida do Corinthians, que põe 30 mil, porque tinha mesmo... Eu não fui, tive um problema familiar e o caramba, faleceu minha mãe no ano, e na final lá, não deu. Estava até comprado, o...

B.B. – O ingresso.

C.R. – Põe 30 mil no... Tem cara que foi no Japão e não conseguiu entrar na Arena. Vários. Vários. Não é que não tentaram ir na Arena. O cara consegue ir assistir ao jogo lá no... Então, essa discussão é que está faltando nas torcidas organizadas, na minha opinião, a discussão de direitos... Não é ir lá no CT quebrar, depois que perdeu um jogo aí. Você está dando munição para esses caras falarem que “vocês são indesejáveis”. Quando eu falo que tem que ter mais lugar popular, os caras já ligam: “Tem que ter mais lugar para a torcida organizada”. Não é, não; é lugar para o cara... o corintiano que não tem dinheiro. O Palmeiras consegue. Vou falar do Paulo Nobre, vou elogiar o Paulo Nobre.

[FIM DO ARQUIVO III]

C.R. – Os times lá é que não...

J.F. – O São Bento acabou. É incrível. Funciona no Campeonato Paulista. Depois do Campeonato Paulista, se você for no estádio, não tem mais nada.

C.R. – Porque é essa estrutura do futebol, tem quatro meses, e depois tem que ficar sustentando oito.

J.F. – Eles só existem para jogar o Paulista, porque aí vai um empresário...

C.R. – É isso aí.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.R. – ...trinta milhões. Aí você põe o jogador lá, 70% é do... O Cléber foi vendido, o Corinthians não ganhou um tostão, aquele quarto zagueiro que veio da Ponte.

B.B. – Vila Maria, vamos falar então do Paulo Nobre, para retomar o...

C.R. – Estou falando do Paulo Nobre na situação de hoje. O Corinthians está vendendo o nome do estádio, o *naming right*, e não consegue. Teve a Copa do Mundo... No Palmeiras, quem vendeu foi o Allianz. Está vendendo mais duas partes agora. Aí, o negócio da Crefisa. Não fechou com o São Paulo e fechou com o Palmeiras por quê? Porque o São Paulo pediu dinheiro por fora, o Juvenal, o Aidar, 20%. Que transparência é essa? Como é que um time que nem o Corinthians não consegue vender o nome do estádio e o Palmeiras consegue? Porque não teve... O Palmeiras está inaugurando uma nova forma de negociar, pelo menos nessas coisas, é uma forma honesta, é não ter intermediário. Eu e você... Não precisa depositar 20% aqui, 10% aqui, 30% aqui. Ele está sendo chamado de... Inclusive, o Paulinho Serdan está brigado com ele, porque ele cortou... A Mancha tinha dinheiro, tinha ingresso. Não é **[inaudível]**, mas teve. Pode falar com o Jânio, falar com esses caras... Teve. Facilidade... Excursão para fora, nunca pagaram ingresso. Um clube não pode ser assim, nem a torcida pode ser nesse nível.

B.B. – Inclusive, no Carnaval desse ano...

C.R. – Ele não deu.

B.B. – O discurso do...

C.R. – [O discurso] do Paulinho antes da entrada.

B.B. – Foi exatamente isso, com a Mancha homenageando o centenário do Palmeiras, e o clube, segundo ele, se omitiu.

C.R. – E precisa? Desculpa. Precisa? Tem muito dinheiro. Essas coisas que está ficando chato. Por que uma Dragões da Real, que é diferente, no bom sentido, faz um Carnaval daquele tamanho e o Gaviões está passando por fazer? Esse ano, até foi bem, o Gaviões. Eu acho que não merecia ganhar mesmo, mas [inaudível], também. Mas o Dragões da Real está ganhando dos Gaviões todo ano, e merecidamente. Por quê? Quem é Dragões da Real, com todo o respeito, perto dos Gaviões? A Camisa 12, nós estávamos lá, [inaudível], estava lá, em sete desfiles de escola de samba, ganhou seis. E não subiu em um por meio ponto. Nós largamos a escola no Acesso. Houve o maior movimento aqui para que não tivesse mais torcida organizada, e o endereço era a Camisa 12. Porque a Camisa 12 estava atropelando mesmo. A nossa quadra era a maior de todas as quadras de torcida. E a gente sabia fazer. Sabia. Aí a Uesp e a Liga organizou para não querer mais. Na hora que eu fui brigar com a Liga e brigar pelo terreno lá... Esse ano, a Independente caiu, a TUP caiu, a Camisa 12 caiu...

B.B. – A Camisa 12 caiu?

C.R. – E Mancha caiu. Quatro. O Pavilhão, **nem se conta**, a colocação que teve. Não deve ter caído. Mas o bloco também... A torcida do Andrés aí. Os caras são legais.

A.B. – A Estopim foi proibida de desfilar em Diadema.

C.R. – Foi.

B.B. – Como bloco ou como escola de samba?

C.R. – Escola. Então, você vê? Tem coerência. Você entrou no samba... O Gaviões é o maior responsável, na época de 1995, principalmente, 1994 e 1995, de o Carnaval de São Paulo ter crescido. Porque os caras desfilavam com 1.500 [integrantes], com 1.600, a Vai-Vai, que era maior. O Gaviões chega lá e põe 4 mil. Um ano antes, 3 mil e pouco. Já merecia ter ganhado da Rosas de Ouro, ou ficado lá... Aquele “Me dê a mão, me abraça” foi um arraso. Por que não manteve? O Vai-Vai foi atrás, a Mocidade Alegre... Por que não manteve? Porque fugiu, na minha opinião, fugiu do que é o Gaviões. Gaviões tem que fazer samba para povo. A Imperatriz, lá do Rio, quando ganhava, não era desfile técnico? Era. A Caprichosos de Pilares pode fazer desfile técnico? Não. Tem que ser... A União da Ilha... Cada um tem o seu perfil. Uma torcida que nem a do Corinthians, você vai pôr num samba de enredo? Os caras vão virar motorzinho lá. Você tem que fazer um samba... São teses... Porque isso não se discute mais, Bernardo. A torcida tem que acabar? Nunca. Tem que se reciclar. Acabar é pior, porque vai aparecer coisa pior. A clandestinidade é pior.

B.B. – Mas, então, a sua ligação e a ligação da Camisa 12 com o Carnaval como é que foi, como é que começou?

C.R. – Mas eu tive problemas com a sede lá, problemas políticos. Pediram a retificação... Inclusive, a sede está com perigo até hoje. Duas sedes que estavam com perigo, a da Jovem e a... E Gaviões também. Se mantém porque o Goulart... Tem políticos aí que ainda seguram.

B.B. – A questão da renovação do contrato com a prefeitura...

C.R. – É. Cada prefeito que muda, você tem que conversar. Fui traído por esse tal de Walter Feldman aí. Então eu tive que me afastar, para não prejudicar a negociação da sede. E nesse ínterim foi o negócio da escola de samba, também. Na hora que eu fui... eu, o pessoal todo – o resto do pessoal – foi tentar, já não tivemos mais espaço. Não é que eu não vá lá amanhã. Só que eu estou com 60 anos, não tenho mais esse... Comigo [inaudível], não dá mais. A não ser que... Estou naquela que não tenho mais nada a perder, mas eu... Mas eu nunca fui isso e não vou ser agora, depois de... Porque as coisas começam a mudar de assunto. Perde um Carnaval desses... Eu fiquei uma vez em quinto, no bloco... O bloco foi três vezes campeão e um montão de vezes vice, porque a gente estava construindo a sede. A Camisa 12 foi a única escola... a

única entidade de samba em São Paulo que, no mesmo ano, foi campeã do bloco e da escola. Tinha as duas entidades, em 1999. Foi campeã do bloco... E ganhou da Mancha. A Mancha, com dinheiro, o Carnaval patrocinado... Fizeram um Carnaval lá sobre vinho, aquele [inaudível] argentino lá deu... Ganhamos. E ganhamos merecido. Como é que você vai lidar com isso?

B.B. – Mas só para eu entender, você, pessoalmente, você já gostava de samba, de Carnaval...?

C.R. – De samba, **tudo**.

B.B. – Porque tem a história de que o bloco da Gaviões é criado em 1975 e, no final dos anos 1980, se torna escola de samba. No caso da Camisa 12, como é que foi? Quando que começou como bloco?

C.R. – O bloco foi em... O primeiro desfile foi em 1985, e foi fundado em 1984. Depois fundou a escola... O Gaviões, quando fundou a escola, acabou com o bloco. Nós fundamos a escola e pusemos como norma que só íamos parar o bloco quando a escola chegasse no...

B.B. – No Grupo Especial.

C.R. – ...no Sambódromo, no Acesso. Então...

B.B. – Chegou...

C.R. – Chegou e...

B.B. – E pararam então o bloco.

C.R. – Paramos o bloco. E ganhar e a chegar no Especial e a perturbar. Porque a gente tinha ligação com sambistas de São Paulo todo. A gente tinha festa lá que vinha Vai-Vai, Camisa... Fazia uma roda de samba depois do... com todos esses... Os caras gostavam de ir lá. E tinha uma feijoada com um pagode no sábado lá que vendia 80 feijoadas, porque não tinha jeito de

vender mais. Cada uma era dois, três caras. Porque não tinha jeito, não tinha estrutura. Os últimos só comiam feijão já, a carne já tinha... Mas era um ambiente gostoso. Às vezes, ia lá, punha um conjuntinho lá... Quando não tinha conjuntinho, pegava um surdo, uma caixa e... Todo mundo. A gente cansou de, no aniversário dos Gaviões, ser a única bateria convidada a ir lá. A Festa do Chopp do Vai-Vai, que é a maior de São Paulo, quatro anos seguidos, a única bateria convidada foi a da Camisa 12. Ia tocar no Rosas de Ouro, e eles vinham na sede, também. Tinha uma... E nunca teve nenhum problema.

B.B. – E você acha, então, que nesse momento atual não há um interesse, por parte da Liga, com a ascensão das torcidas...

C.R. – A Liga... Agora já abriu a porteira. Agora não tem jeito. A Independente é que não sei o que aconteceu esse ano. Eu achava... Porque a Independente subiu rápido. A Independente se uniu com uma escola lá de Sapopemba, a Malungos, parece, e passou a ser... Eles estavam fora do Carnaval, por causa daquela briga lá, que teve a morte. E se uniram com essa aí, uniram os estatutos, juridicamente... Que nem a Mancha, que pôs Mancha Alviverde.

B.B. – Se reinventaram.

C.R. – Encontrou uma brecha. Eu achava que a Independente não ia subir esse ano, mas ia...

B.B. – Ia se manter.

C.R. – Porque ela subiu rápido.

B.B. – A última informação que eu tive foi que ela ficou em último lugar, mas não vai ser rebaixada, em consideração com a tempestade que aconteceu. Semana passada, foi essa a informação que eu tive, que a Liga tinha considerado...

C.R. – Mas não pode. Não tem isso. Então vão abrir um precedente do caramba. Não existe isso.

B.B. – Bom, foi uma informação que eu recebi.

C.R. – Mas não pode. Alguém falou... Eu acho que são essas versões que surgem que viram...

B.B. – Foi inclusive um cara da Gaviões que me falou isso, então...

C.R. – Não, mas é papo que... Não pode.

B.B. – É, eu achei estranho, mas...

C.R. – Isso aí não existe. Lá no Rio, então, no sábado, os caras... “Me dá um pontinho a mais porque...” Domingo, não é? Segunda foi uma beleza; domingo choveu. Coitada da Mangueira lá, coitada da...

B.B. – É, eu achei estranho, o argumento.

C.R. – Não existe isso.

B.B. – De todo modo, a ascensão da Independente significaria...

C.R. – A ascensão da Independente seria um inferno. Desculpa. A Mancha, esse pessoal do Carnaval ainda tem um controle do cacete, o pessoal do Carnaval, e eles colocam a Gaviões em um dia e a Mancha noutro. E como é que você vai fazer, se tiver a Independente? Onde você vai jogar a Independente? A Dragões nem toca muito em São Paulo, lá nos ensaios deles. Nem toca. É de São Paulo, mas eles...

B.B. – A gente entrevistou o Tomate, que é o atual...

C.R. – Esse cara é bacana *pra caramba*, ele tem cabeça boa. Faz tempo que eu não vejo, mas na hora que eu vi a Dragões, há uns três anos atrás, eu falei: “Nossa! O que é isso?”. Pensei que eles iam subir e descer. Eu falei: “O que é isso?”. Porque, modestamente, eu conheço o Carnaval, faço enredo... Já escrevi uns dez enredos da Camisa 12...

B.B. – Que temas que a Camisa 12...?

C.R. – Mais político.

B.B. – Mais políticos?

C.R. – Mais social. Já falamos do... “Para não dizer que eu não falei das flores”; “Que país é esse?”; pegando os ganchos das...

B.B. – Das músicas.

C.R. – Pusemos o Che Guevara na avenida. [risos] O pior é que a Independente põe o símbolo... o Che Guevara lá, depois fala: “Porra! É o símbolo da Independente”. Símbolo da Independente o cacete! Daqui a pouco... [risos] O Che Guevara é um símbolo mundial! Tem tudo isso. Mas é só social.

A.B. – Como um bom marxista.

C.R. – Fizemos o “Trabalhadores unidos”, falando da Revolução Russa. Mas foi lindo, o desfile. Foi minha última...

A.B. – Você saiu como Trotski? Dá para fazer um Trotski.

C.R. – Ficou em quarto, com Gaviões. Você acredita nisso? Gaviões tinha caído aquele ano e desfilou junto com a Camisa 12. Não subiu por...

B.B. – E você acha que essa temática mais política, mais social tem... Isso chega no componente da torcida? Tem algum...?

C.R. – Mas não é... Olha... “Quero esquecer o passado e cair na folia. Explode a emoção, Corinthians campeão. Meu povo se cansou dessa situação, miséria, desemprego, inflação. Tem

poucos com muito e muitos sem nada, a elite em campo, vivemos na arquibancada. Levanto a bandeira da democracia. Suinga, minha bateria! És a minha sintonia. Nesse embalo, caio no real”, falando mal do real lá do... **da vida** real. “Faço o Carnaval para o povo sambar. Negros, brancos, ricos e pobres caem no meu pagode.” Dá uma... Não é só... Você mistura as duas coisas. O outro fala: “Vou de Che Guevara, contra a opressão, é que eu sou do povo, eu sou Timão. Ó, não me canso de gritar, quero terra para minha gente plantar, quero educação e ter direito à saúde que é bom. A Justiça tarda e sempre falha, qual o corte cego da navalha. Eu quero ver...”. Aí fala das bandeiras, que estavam proibidas. “Eu quero ver minha bandeira tremular, porque o show tem que continuar.” Então você pega a temática e vai...

B.B. – É composição sua?

C.R. – O enredo.

B.B. – O enredo.

C.R. – A música, eu não entendo muito, não. Escrever... Se você me falar para escrever **cem dias sobre um copo, eu não consigo...** Eu te falei, não deixa eu falar. [risos]

A.B. – Claudio, deixa só eu entender. Depois da fundação, como presidente, quantos anos você permanece? Ou acaba criando um rodízio e **[inaudível]** funções para outras pessoas **[inaudível]**?

B.B. – Isso, existe uma discussão. Eu fui muitos anos. Mas não fui seguidamente. Por exemplo, uma fase boa, que foi a invasão do Rio: até a invasão, eu era presidente; em 1977, eu já não era.

A.B. – Sua última presidência foi quando?

C.R. – Em dois mil e... Da torcida mesmo?

A.B. – Isso.

C.R. – Teve uma época aqui que a escola de samba tinha uma presidência, o bloco tinha outra e a torcida... Não é que nem os Gaviões que é um...

B.B. – É uma coisa só.

C.R. – Aí, nessa última fase aqui, até para se adequar ao Ministério Público... Porque a bronca deles, quando eu questionava o negócio da sede, é porque você não pode dar um terreno público para uso de uma determinada parcela da população – só corintianos, por exemplo. Então, teve que se adequar. Foi nessa briga que nós fizemos uma outra entidade, que é a Camisa 12. Mantendo tudo, mas já tirando esse negócio de Corinthians como... Falando de Corinthians, mas a sede estava aberta. Foi aí que... Nessa fase que tinha o presidente da torcida, tinha o presidente da escola e eu fiquei... Mas a influência, eu tive até 2003... 2004.

A.B. – E como presidente de torcida foi...?

C.R. – Até 1998 ou 1999.

B.B. – Tem alguém da época da fundação que ainda hoje atua na Camisa 12?

C.R. – Vai lá, mas não...

B.B. – Não tem mais...

C.R. – Esse Cléber que eu te falei, ele vai; o Raul não vai... Tem pouca gente. Se você pegar o Conselho do Corinthians hoje, tem uns 30 caras que são da origem da Camisa 12. Lá no Corinthians você encontra bastante gente. Esses caras querem ajudar? Acho que querem. Podem voltar a ajudar? Acho que podem. Mas tem que ter um...

B.B. – Ao longo dos anos 1970, a Camisa 12 foi maior, quantitativamente, que a Gaviões?

C.R. – Foi.

B.B. – Quando que ela perde? Quando que a Gaviões ultrapassa...?

C.R. – O samba ajudou eles e a sede ajudou.

B.B. – Anos 1980, isso já...

C.R. – A sede ajudou. Nós fomos pegar a sede em 1985. E quando nós pegamos, a nossa sede era um brejo. Curiosamente, eu nadava lá e perdi um amigo lá. Quando eu tinha 11 ou 12 anos, naquela lagoa... São coincidências da vida que a gente... O local em que está a Camisa 12 era uma lagoa que eu, quando eu era moleque, ia nadar lá com meu irmão e com esse cara. Eu perdi um amigo lá, e eu vendo ele. No mesmo local foi... Depois aterraram, aterraram, aterraram e foi fazer a sede. Por que a sede... foi permitido a Camisa 12 lá? Olha as coincidências. Meu pai e eu, quando eu era criança... Eu falei que eu trabalhava na Estrela. Quando eu trabalhava na Estrela, eu já frequentava o Maria Zélia, que era um clube que tem lá, onde tem a Vila Maria Zélia, que é conhecida até hoje. Onde tem o Inamps hoje, não sei se vocês conhecem, na Ponte da Vila Maria, era o Clube Maria Zélia. Eu frequentava lá. Meu pai era diretor lá, conselheiro lá. Conselheiro. O União dos Operários, meu pai frequentava. E meu pai trabalhou 43 anos na Goodyear. Essa influência do conhecimento... Porque a Goodyear estava querendo esse terreno aí para fazer estacionamento de ônibus. Nós chegamos a conversar até com a diretoria da Goodyear, para conseguir... Para conseguir esse terreno do Mario Covas, tinha reunião dele com qualquer movimento, eu ia. Eu sabia da reunião... Eu chegava para ele... “Ora, o que você está fazendo...?” “O senhor não sabe que eu sou desse movimento?” Até Sem-Teto. Tudo que tinha: da saúde... “Quando você assinar, eu só vou vir aqui para te trazer presente.”

B.B. – Ficou no pé.

C.R. – Dois anos. Foi uma conquista... O Gaviões teve mais sorte, porque o Gaviões teve o Flávio, que foi... Mas foram discutir isso lá no palácio, com o Paulo Egydio. Naquele tempo era o Setúbal. Mas era indicado, o prefeito era indicado pelo governador, e o Paulo Egydio influenciou muito nessa...

B.B. – Nesse terreno para...

C.R. – Nosso terreno só teve problema. Eu saí da prefeitura achando que eu tinha ganhado um terreno de 2.800 a 3.000 metros. Aí, assinou um decreto, 5.500 metros. Ah, legal, não é? Legal. Só que tinha... O terreno foi dado com uma previsão de que você não podia construir no meio dele, porque no Plano Diretor tem uma via que passa no... É uma mão, mas... Então a gente teve que enfrentar a administração [**inaudível**]. Porque eu tive que construir mesmo assim. No meio. Então nós construímos. E em cada administração regional, nas subprefeituras, **a gente tinha que ir lá** negociar, negociar, negociar. Em uma das negociações, que é essa da adequação ao Ministério Público que eu falei, da entidade que teve que fazer, estava tudo certinho, certinho, políticos aí, que nem o Walter Feldman e outros, começaram a tratar com o pessoal da escola de samba, que já não estava tão na nossa mão, e falaram: “Não, pede vocês”. Entraram com um pedido paralelo, deu o conflito. Se eu insistisse, já perdia tudo lá. Então eu... Como quem estava na prefeitura não era meu... Aí [**inaudível**] ajudou para conseguir o terreno e prejudicaria para... É duro. Aquele terreno lá, 99% da construção dele, a gente estava lá. No começo, nem água tinha. Não tinha ligação de água, não tinha nada, e nem previsto lá. Sabe como a gente pegava água? Um cara me arrumou 30 tambores. Eu esperava chover. Depois conseguimos fazer uma ligação aqui na Sabesp... Foi tudo na raça. Foi tudo na raça. É mais gostoso quando consegue, depois, mas...

B.B. – O processo é lento.

C.R. – É fácil, não é? É você chegar... Eu vou lá no Paineiras, não tenho nada a ver com o Paineiras, mas se eu fosse associado... “Isso aqui está tudo errado.” Porra! O que é que eu tenho... Eu não participei de nada aqui, não sei de nada aqui. É fácil falar, não é? As torcidas perderam o bonde. Vou voltar a falar nisso. A minha ideia... Agora, falando o Claudio. A minha ideia na Camisa 12 inclusive era parar com o samba. Porque estava começando a dar problemas de frequência – não na Camisa 12; em todas. E a visão de Corinthians: “Vamos dar uma força para os Gaviões. Nós paramos com isso, e o que vamos fazer aqui? Três quadras...”. E estava tudo previsto: fazer um salão de festas grande, um auditório grande, tinha... A gente ia começar a fazer lá um ponto de encontro de corinthianos que vêm do interior, fazer palestras sobre o Corinthians, chamar jornalista, chamar político, chamar jogador, fazer um simpósio sobre o

Corinthians. Ia mudar a temática. Aí ia acabar o samba? Não, não vai acabar o samba. Faz uma bateria show aí, sai tocando por aí. Fala com os Gaviões: “Olha, três ou quatro ensaios no ano, vocês fazem aqui dentro”. Para fazer uma...

B.B. – União.

C.R. – ...uma integração. Porque chega a um ponto que... Se a gente chegasse no Especial, o conflito maior nosso ia ser com o Gaviões; não ia ser com a Mancha, não ia ser com... O Gaviões [**inaudível**]. Um resultado do Carnaval já ia ser um... [**Inaudível**] do outro e já ia ser... Então, para não...

B.B. – Para não ter problema...

C.R. – Para não criar esse problema, criar essa perspectiva... A gente só ia ganhar e os Gaviões só ia ganhar, porque isso que a gente estava querendo propor... Ninguém discute o Corinthians, ninguém discute nada. Então a gente ia criar... Chamar jornalista, “vem cá, vamos...”. Ah, o cara... O Dia da Mulher, as feministas: “Vem cá, vamos conversar”. Você vai numa quadra. Você vai em quadra? Já foi em quadra? O que os caras falam lá? Tem assunto? Se você falar de alguma coisa assim, os caras... “Esse cara está pirado.” “Você viu aquele...?” Da Petrobras, o máximo que você vai ouvir lá é ladrão, você não vai sair de...

A.B. – Do senso comum.

C.R. – Não sai. Não tem assunto. Se tem uma rodinha lá, os caras estão discutindo... “Vamos chegar mais cedo para pegar...” O assunto prioritário de torcida é pegar a outra torcida.

B.B. – Briga.

C.R. – O Corinthians ganha de cinco a zero do São Paulo. Se eles batem na Independente, ninguém vai lembrar dos...

B.B. – Dos cinco gols.

C.R. – Ou vice-versa. Ninguém vai... É essa temática que eu acho que as torcidas falharam. Pode acreditar. Se você conversar com o Magrão, você vai... Não com essas palavras, mas muitas coisas vão ser coincidentes. E o Magrão foi um dos caras que mais brigou em estádio. O Gaviões tinha... Na briga entre nós e os Gaviões, um presidente dos Gaviões chamado Andrés – Andrés, igual ao... Inclusive, quem pôs ele nos Gaviões fui eu. Ele entrou no Gaviões por meu intermédio, um ano e meio depois... Ele me vai numa reunião com o Magrão e o Clay. O Clay morreu agora. Um puta de um cara, viu! Mas o Clay é... O apelido dele é Cassius Clay. Você imagina! Uma vez foram dez polícias em cima dele, no Pacaembu, e não pegaram ele. Isso eu vi; ninguém me... Os caras vinham e ele fazia assim e... E não estava dando porrada. Ele não estava dando porrada nos guardas, mas só empurrando ele jogava os caras para...

B.B. – Espanava.

C.R. – Vai esse cara numa briga... Aliás, num local lá que estava... “É, Vila, você é muito folgado, hem!” E o Clay e o Magrão com ele. “Ô Andrés, por que você está falando isso? Por causa dos seus amigos aí? Você acha que os caras vão comprar uma briga sua, rapaz?” Um olhava para a cara do outro... Ficaram perdidos. Eles foram lá para me pegar. O Magrão depois me confessou isso aí. O Magrão e eu, hoje, somos carne e unha. Eles foram lá para... Porque o Andrés, esse presidente... Se eu vou brigar com aqueles dois, sabe o que ia sobrar de mim? Você acha que eu vou brigar...? O Julião, você falou do Julião, o Julião era... Ele está com um problema, não é?

B.B. – Está com problema.

C.R. – Ele está...

B.B. – De cadeira de rodas...

C.R. – Ultimamente... Há cinco anos atrás, ele jogava bocha, mas deu uma doença nele aí... O prazer dele era jogar bocha, há uns seis anos atrás. Esse cara, a briga minha com ele era triste. Foi na época ruim mesmo, em 1973 ou 1974, que o Julião foi presidente dos Gaviões. Ele

chegou uma vez para mim... “Ô Vila, tem o seguinte, entre eu e você, eu sou mais eu.” “Eu também sou mais você.” [risos] Acabou a briga. Mas ele veio... “Concordamos. Eu também sou mais você.” Têm situações em que você vai falar o quê? Eu não sou... Eu não... Arma, nem de parquinho, aquela de... eu gosto.

B.B. – Nem da Estrela, não é?

C.R. – Nem da Estrela. Sem brincadeira, eu nunca... Eu não mato barata. Desculpa, é nojento, mas eu afasto e não mato. Eu tenho essa... Tem pulga aqui, eu faço assim... É o meu... Vocês desculpem, mas é o meu... Rato, já salvei dos meus gatos. Não deixei ele em casa, mas já tirei e já joguei na rua. Coisa de... Eu não sou de... Por isso... Essa banalização que fizeram da morte na sociedade e em certos locais da torcida não cola. Já enfrentei o diabo! Já entrei em local... Já fui na Independente, numa época que a Camisa 12 e a Independente se encontraram... E eu já não estava muito... Eu estava mais ligado com a sede e tudo, mas não estava indo muito em jogo. Isso aí foi no final de 1990. Teve muito jogo que eu era presidente e eu não ia no jogo, eu ficava na sede, com a turma do... Os caras trocaram tiro aqui na Marquês de São Vicente, perto dos CTs. Um cara da Camisa 12 deu o tiro. Os caras da Independente começaram a pressionar, estavam com muito mais gente... Foram parar na delegacia lá do Pacaembu, aquela na Cardoso de Almeida, lá em cima. Eu estou em casa, não estou sabendo de nada, me ligam, eu vou lá na delegacia, tinham lá uns 80 caras da Independente do lado de fora e uns 30 caras da Camisa 12 do lado direito. A polícia separou. Eu chego lá, os caras da Independente... “Ô Vila, seus caras...” E eu não estou sabendo... Se eu não vou lá na delegacia, a Camisa 12 não saía de lá. A Independente já tinha mobilizado 150 a 200 caras para seguir o ônibus – a Camisa 12 estava com um ônibus lá – aonde fosse, e eu soube disso. Eu falei para o motorista do ônibus: “Vai embora”. “Não, mas...” “Vai embora. Vai embora com o ônibus.” Cheguei para os caras da Independente... O Sukita estava nessa, também. “Ô Vila, nós consideramos, mas...” “Mas vocês também...” E fica aquele diálogo. E vai pegar... “E vai resolver alguma coisa aqui? Daqui...” Você vê como é a polícia. A polícia, nem aí, estava... **[Inaudível]** porque tinha um delegado e dois polícias lá. Se os caras resolvem brigar lá...

J.F. – Prende o delegado. [risos]

C.R. – Prende o delegado na cadeia. E pá, pá, pá... Eu liguei para quatro caras – eu estava com o carro – para irem de carro. Pusemos esses 30, um em cima do outro... “E vocês não vão passar ali, não. Vocês vão dar umas voltas aí e depois vocês largam alguém, para não...”

B.B. – Para despistar.

C.R. – Para despistar. Tive que fazer isso. Aí começaram a... Isso aí foi na quarta. E era época de Carnaval. Falaram que... E era verdade. [Falaram que] a Independente ia jogar... ia tentar incendiar os carros, lá na sede. Era verdade. Vou te contar uma da Mancha depois e você vai ver. Era verdade. Já estava programado. Eu liguei para o Sukita: “Sukita, vamos conversar, não é?”. “Não, mas...” “Você está sabendo disso?” Ele não estava sabendo mesmo. “Vamos conversar.” Marquei com ele no Sujinho – sempre no Sujinho – e ele não aparece. Ligamos lá para ele, sexta-feira à noite. Eu comecei a tomar cerveja. Eu gosto. O cara não veio, eu falei: “Já que a montanha não vem a Maomé...”, e fui lá para a sede da Independente. Tinham uns 30 lá. “Ô Vila, você está louco?!” “Loucos são vocês. Quem é que vai botar fogo na Camisa 12 aqui? Quem é o macho aí que vai...?” Nesses termos, rapaz! Uns três ou quatro lá que gostavam de mim me pegaram de lado... Eu já estava meio... “É algum desses que estão aí?” Já me levaram para o bar, e a gente bebeu mais ainda. Mas se você não faz isso... Não é que a gente não se arrisca; nós nos arriscamos várias vezes. Uma vez... Esse negócio da Mancha, no começo, os caras já tinham preparado, e aí descobriram: eles iam envenenar a água dos Gaviões lá, o negócio da... Um esquema de... Tudo certinho. Um dia antes do ensaio lá, eles iam jogar, na caixa d’água, na água que os caras bebem... Sério.

A.B. – Envenenar de que nível, para morrer ou só para prejudicar? Qualquer um...

C.R. – O caso do... Os caras... Foi a Mancha, não é? Jogaram o cara no rio. Mataram o cara e...

B.B. – Foi aí que começou essa escalada... Não começou, mas foi um dos...

C.R. – Não, mas já tinha... O problema já foi com o...

B.B. – Aí teve o [Caso] Inajar...

C.R. – O problema... O Cléo, o Cléo já foi... Foi o Cléo, a morte dele. Ele não era ruim, rapaz. Sinceramente. Você conversando com ele, você não via essa... É que quando ele estava no meio da... O Adamastor... Você viu o tamanho do Adamastor. O Adamastor, na época que ele era presidente da Independente, ele era porque ele era forte, porque ele brigava. O Cléo... Teve uma reunião na Federação Paulista de Torcidas no ano... Deve ter sido em 1987. Em 1988 mesmo, porque ele morreu em agosto de 1988.

B.B. – Isso.

C.R. – Porque ele morreu no mesmo ano do Flávio. O Flávio morreu em abril desse mesmo ano. Eu sei porque um dos braços direitos do Cléo era o Ataliba... Atibaia.

B.B. – Atibaia, que também... O pessoal diz que esse era brabo, também.

C.R. – Esse era meio... Tem mais uma história do Atibaia. Morreu o Flávio, o Atibaia foi no enterro dele. No enterro não, na missa. A missa foi na Mooca. O enterro foi no Araçá. E eu era um cara que tinha problema com o Flávio, mas conversava. E eu fui no enterro dele e fui... Aí a família dele, que já me conhecia desde a época que eu era garoto, me conheciam já da Borges de Figueiredo, onde morava o Flávio – eu ia lá na casa dele –, eles me puseram para sentar na primeira fila, lá na missa. Eu falei: “Ô Atibaia, vem comigo”. Estou vendo que têm uns caras já olhando...

B.B. – Torto.

C.R. – ...torto para ele. “Pô, ainda bem que você me chamou.” Pus ele no carro e... Esse diabo desse Atibaia vai num jogo do Corinthians, porque ele é amigo de um cara da Camisa 12, e os caras dos Gaviões descobrem, aqui no Pacaembu. Os caras vinham, dos Gaviões, uns 200... “Cadê ele? Cadê ele?” “Cadê ele quem?” Porque na hora que eu percebi, eu falei: “Esconde esse cara lá em cima. Some com...”. Por causa do Atibaia, quase sai o maior quiproquó lá no... Coisinhas assim. Você não pode ser amigo de palmeirense. Mas isso é hipocrisia, porque todos eles têm amigo palmeirense: na família, no vizinho... Então... Isso, sociologicamente... Quando

os caras ficam em turma, eles já se transformam, já começam a... Você vê cara que não... Tem cara que não briga sozinho com ninguém, mas quando chega na... Por quê? Porque, se ele não brigar, ele não vai ser igual aos iguais da...

B.B. – Tem que fazer o nome mostrando que é bom de briga. Eu queria aproveitar o gancho, porque eu acho que está um pouco no teto do Florenzano, que é um tema da... que ele estudou, porque se falou muito da relação da Gaviões, durante o período da Democracia Corinthiana, que foi um pouco de crítica. Do ponto de vista da Camisa 12, como é que foi esse período da Democracia Corinthiana?

C.R. – Foi ótimo. O que houve é que, infelizmente, no fim, o Adilson Monteiro Alves se aproveitou de tudo. Você está lembrado daquela vez que o Casal 20... dois a zero, aqui no Morumbi? Foi na época da Democracia. Nesse jogo, o Adilson pegou o Sócrates, o Casagrande... Porque [o Corinthians] tinha ganhado do Flamengo de quatro a um; o Fluminense agora... O Flamengo tinha mais time que o Fluminense. O time do Flamengo, Junior, Zico, Nunes, era aquele... A seleção do Corinthians também era boa. Então... “Ah, o Fluminense...” Os caras foram dormir quatro ou cinco horas da manhã. Eu estou falando o final da Democracia. O Adilson usou isso aí para ser deputado. O Sócrates não tinha mais amizade com o Adilson nessa época, antes de morrer, porque ele viu que ele foi usado pelo... Mas como movimento foi lindo. Aqui, no comício das Diretas, a única bandeira de torcida que tinha, no primeiro grande, que foi na Praça da Sé, foi da Camisa 12. Na hora que abriu a bandeira, foi um... Foi aquele que aparece... sempre aparece na... o Osmar Santos apresentando, está o Franco Montoro, está o Casagrande, está o Sócrates...

B.B. – Você que teve essa iniciativa de levar...? Você, o grupo.

C.R. – Naquela época, nós fizemos, a Camisa 12, o Bloco das Diretas, aqui em São Paulo. A gente botava a saída aqui na... Foram dois ou três anos seguidos. Três anos. Saía daqui do Teatro Municipal, aí da... Teve uma vez lá que, de repente, tinham milhares de pessoas atrás da gente. A gente sempre se meteu. Como eu estou falando, essa Marcha dos Cem Mil, lá de Brasília...

B.B. – Vamos aproveitar então para apurar uma das versões... Porque quando se fala também desse período de redemocratização, da anistia, se menciona a famosa faixa que foi estendida num Santos e Corinthians lá...

C.R. – Foram duas faixas. Foi de comum acordo. [Foram] duas faixas da anistia.

B.B. – Uma do Corinthians...

C.R. – Camisa 12 e Gaviões.

B.B. – Camisa 12... Uma na Gaviões e uma na Camisa 12?

C.R. – É. A que aparece foi o Gaviões.

B.B. – Vocês fizeram, também?

C.R. – Foi de comum acordo.

J.F. – E com quem que vocês negociaram na...? Quem estava organizando, na Gaviões, a faixa?

C.R. – O Joca já era um cara de esquerda, ele era ligado ao PT. O irmão dele, eu falo que ele é chatinho, mas ele... Ele foi pego numa arapuca aí... Ele ficou até preso, o Tadeu. Ele entrou num negócio aí, puseram ele como laranja e... Mas o Joca era de esquerda. Eu acho que nessa o... Não posso afirmar. [Nessa], o Malfitani deve ter participado. O Malfitani é...

B.B. – E vocês, para entrar com a faixa, também usaram um expediente desses de colocar dentro de um instrumento?

C.R. – A faixa é pequenina, você viu? Aquela faixa não tem três metros. Não é uma faixa...

B.B. – Passou pela revista e...

C.R. – Isso é a anistia. No Carnaval, pelo menos, a gente é mais progressista. Tanto é que eu tentei falar com esses caras da Camisa 12, os que estão tomando conta aí: “Vocês estão fugindo da linha. Esses enredos...” O primeiro enredo, quando eu estava meio fora do Carnaval, foram homenagear a 25 de Março. Eu falei: “Mas que cacete...?” “Ah, é porque nós vamos pegar dinheiro dos árabes.” Não pegaram porra nenhuma de ninguém, ainda mais de árabe. Que nem a Beija-Flor. Foi nojento, o que eles fizeram esse ano, desculpa. Na época do Joãozinho Trinta é uma coisa... Foi nojento. Pegar dinheiro de uma república daquelas e contar a história... Se contasse a história pelo menos, tudo bem, mas não falar que aquilo é um paraíso. Aí vai o Neguinho da Beija-Flor e fala que se não fossem os contraventores... É uma verdade relativa, também. É uma verdade relativa. Você está no Rio, você sabe... No Rio não tem verba da prefeitura; são os hotéis que dão, os... A verba aqui de São Paulo é grande *pra* caramba. No grupo que está a Camisa 12 esse ano é 180 paus, o Grupo 3. Nem sei quanto está...

B.B. – Para a escola?

C.R. – É. O primeiro papo que nós tivemos aqui nem foi sobre torcida; foi sobre o país. O país está esquisito. Derrubar a Dilma vai resolver? Não vai resolver nada. Vai piorar. Tem que achar uma solução dentro do que está aí. Errou *pra* caramba? Errou. Mas, se derrubar, vai dar conflito *pra* cacete. Desse lado, que está quietinho agora, estão quietinhos, mas... É o que está no futebol. Se o futebol continuar desse jeito... O Andrés – vou voltar no Andrés – teve um mérito do caraco, quando foi negociar lá o Clube dos 13, brigou com a Globo, a Rede TV. Aumentou *pra* cacete o dinheiro da televisão. Palmas. Os clubes agora vão sair da força. Exponencialmente, aumentou muito mais o salário do jogador, o preço do jogador. Os clubes estão piores. O Andrés entrou na diretoria do Corinthians... Esse cara pode falar muito, por isso eu insisto. Esse cara vai dar subsídio *pra* caramba, inclusive dos clubes, porque ele foi diretor financeiro do Corinthians. O que ele passou lá com o Andrés... Tanto é que agora ele nem quis continuar. Nem conselheiro ele é. O Andrés até o último instante me chamou, eu e ele...

B.B. – O Raul, você está falando?

C.R. – É. “Não, pode trazer aquele cara.” Aquela cara sou eu. Ele me trata assim hoje. “Não, nós não estamos na prateleira à venda, não.” O Corinthians... Tiraram o Dualib porque ele era

ladrão. Devia R\$ 100 [milhões]. Deve R\$ 350 [milhões] hoje. O estádio era R\$ 820 milhões; já está em R\$ 1,2 **milhão**. Daqui a pouco, o estádio do Palmeiras vai ser melhor negócio do que o do Corinthians. A gente estava tirando sarro do Palmeiras, porque o Palmeiras fica 30 anos sem o estádio, mas o Palmeiras tem a renda do jogo. Se continuar desse jeito que está aí, sem solução, o Corinthians vai demorar 15 anos para pagar esse estádio, e 15 anos sem... O Corinthians ficar sem a renda dos ingressos. Aguenta? Com esse [**inaudível**], não. O Andrés pegou aquele estádio... Esse cara não... Ele tinha uma indústria de embalagem, mas os irmãos dele quase não viam ele lá, vamos falar o português claro. Como é que esse cara vai administrar um estádio desses? **Pelo carisma, sim**. Pega os melhores administradores, os melhores engenheiros, os melhores marqueteiros, os melhores advogados e faz uma puta equipe e vamos tocar. Ele pegou, para administrar o estádio, como o responsável, o cara que tomava conta dos ingressos do Corinthians, o Lúcio Blanco. Ingressos que, aqui no Pacaembu, eu cansei de ver – e muita gente viu – os caras vendendo ingresso no fim do jogo, aqui, um monte de ingresso, e no dia seguinte esses ingressos estarem de volta lá no Corinthians. Os caras levavam assim: se vendeu... O cambista. “Se vendeu, vendeu. O que não vendeu, você traz aqui. Só acerta o que vendeu.” É esse cara que está tomando conta lá. Para reformar o Malcom, vende 70% do... Para dar o dinheiro para o Ralf, vende 70% do Malcom. Vai ver as categorias de base do Corinthians, se tiver uns três ou quatro jogadores que são do Corinthians lá...

B.B. – É muito.

C.R. – O Corinthians paga salário para 130 jogadores. Você acredita nisso? O filho do vice-presidente do Corinthians, o André Negão, está jogando num time lá de... o Estoril... um time lá de Portugal e recebe do Corinthians 35 paus por mês. Nunca jogou. Eu, como corintiano... Inclusive o Tite... O Tite, em 2013, eu fui um dos primeiros que quis que fosse embora mesmo. Ele voltou pilhado. Ele está fazendo esse time... O Felipe nunca jogou isso que está jogando; o Elias, que estava no Flamengo, no ano passado, não jogou nada. Você viu como ele está jogando esse ano? O Ralf, ano passado, foi uma... Tomara que dê tudo certo. Tomara, como corintiano. E que continue assim, porque o Corinthians não pode ficar fora da Libertadores, não, porque a crise lá está... Não pode ficar... A Libertadores é a tábua de salvação do Corinthians. Um milhão e duzentos... O negócio da prefeitura... Só para não se alongar, eu sei que você... A prefeitura te deu os CIDs; você é que tem que vender. Aí o presidente do

Corinthians vai lá e dá uma declaração: “A prefeitura está nos prejudicando”. Mas a prefeitura não é vendedora de CID. O CID é um certificado que você tem que repassar para os caras abaterem no Imposto de Renda. Deixou de vender lá atrás, porque ele é esperto demais... Como o nome do estádio, deixou de vender lá atrás porque ele achava que tudo ia vir de graça para o Corinthians. Eu não completei naquela hora, quando falei da prefeitura, que deu dinheiro... Na minha opinião... Eu falei isso no Corinthians e eu quase apanhei – assim, é modo de dizer. “O mínimo que o Corinthians tem que fazer é assumir um compromisso público de que vai pegar um terreno na Zona Leste, depois que construir o estádio e estiver tudo pago, e vai construir um Centro Olímpico para a região.” “O que você está falando?” O Corinthians deve isso. E ainda vai ganhar, porque vai ser o Centro Olímpico do Corinthians, mas tem que dar alguma contrapartida. Vai lá negociar a dívida, como estão negociando lá no governo. Eles querem negociar sem nenhuma contrapartida. Nada contra o Botafogo, [mas] o Botafogo existiria, se não fosse o futebol? Se fosse firma, já tinha fechado há 80 anos. Se você deixar de pagar alguma coisa, os caras te despejam, te cortam a luz. O futebol, não, eles dão sempre um jeitinho; ou escola de samba, também; ou torcida, também. Então fica tudo nesse contexto... Essas entidades... Eu quero que você entenda o que eu estou... Essas entidades, que deviam ser um elo de agregação social, de boas maneiras, tudo acaba sendo um elo de coisas difusas, piores do que as que existem. O futebol está nesse nível. Você pega o jornal, você não vê falar em treino. Só falam em contrato de jogador, que o empresário está assim, que ele está descontente. O Guerrero está descontente no Corinthians! Quatrocentos paus por mês! O cara que trabalha na Zona Sul e mora na Zona Leste e ganha R\$ 1.200,00, esse cara está feliz: seis horas por dia na condução, leite uma vez por mês... Você entendeu? “Ah, na Europa...” O futebol está sendo bom para a Espanha? Está sendo bom para uns riquinhos lá. A Espanha está numa merda. O Benfica tem lá 80 milhões de sócios e Portugal não sabe o que vai comer amanhã. Então eu acho que tem que ter finalidade social. “Ah, tem que ser... Que se dane!” Contrataram o Pato! O Milan nem queria vender; o Milan queria emprestar. É muita negociata. O Milan, naquela época, quem pagasse o salário do Pato, ele já estava... O Corinthians vai lá e paga 42 paus por 60%, nem pelos 100%. E agora paga para o cara jogar no São Paulo. Agora diminuiu um pouquinho, porque caiu... O Júlio César ganhava 180 paus: ganhava R\$ 30 mil do Náutico e R\$ 150 mil do Corinthians. O Emerson, no Botafogo, o Corinthians pegou o Lodeiro e teve que... Essas coisas têm que parar. É só dinheiro, é só dinheiro, é só dinheiro. Como é que você vai criar uma sociedade...? Como é que você vai falar para a rapaziada...? Aí chega na escola

de samba... O que o cara vai fazer? Vai fazer falta. “Mas todo mundo faz. Quem não faz é trouxa. Se eu não fizer, outro faz.” É essa...

B.B. – Eu acho que o cidadão... “Quero dar bem, também.”

C.R. – Estou fazendo até um tipo de desabafo, mas é isso que perdeu o futebol brasileiro – e por consequência, as torcidas organizadas –, perdeu a essência. Tudo é dinheiro. Os jogadores do São Paulo, ontem... Eles são... Os caras também... “Ah, a torcida não pode cobrar nada, nem estão aqui.” Como se... O cara não é obrigado a pagar qualquer jogo e... É errado. Por quê? Porque a Independente vai lá no CT e, em vez de fazer um protesto civilizado, vai lá... “Vai morrer todo mundo, vai...” Eu falar que eu sou contra protesto, se eu participei de 80 mil? Mas protesto. Eu chego na televisão e vejo um ônibus ser queimado... Eu estou pegando trauma. Eu não consigo ver mais ônibus... Eu desligo. Se vai anunciar alguma coisa, se eu estou com o controle remoto, eu já mudo de canal. O país está nessa situação... O PT está erradíssimo, mas está nessa situação por causa disso, de egoísmo...

B.B. – Vamos fazer mais uma pausa?

[FIM DO ARQUIVO IV]

B.B. – Bom, nós estamos finalizando esse depoimento do Claudio Vila Maria, fundador da Camisa 12, e um pouco te pedir para... considerações finais, um pouco como você, nessa linha de raciocínio que você vem travando, um pouco como você vê o futebol e também a Camisa 12, porque você foi fundador, hoje tem outras gerações. As torcidas também vivem nesse debate em torno da violência. Nós já tivemos a Atoesp, da qual você participou; hoje existem outras entidades que procuram representar as torcidas. Existe sempre essa dificuldade, você consegue criar um entendimento entre as lideranças, mas você tem uma base que vive o cotidiano em que ainda o apelo, a motivação vem um pouco dessa... marcar encontros para falar de briga... Enfim, você tem essas dificuldades aí no horizonte dessas entidades. Você também mencionou... Colocar na clandestinidade também não é a solução, acaba você tendo aí efeitos perversos. Um pouco aí para a gente fechar, te agradecendo imensamente por ter vindo até aqui, Vila Maria, para conversar com a gente. Foi sensacional esse depoimento, com mais

de quatro horas aqui conversando e compartilhando conosco das suas lembranças e experiências no futebol. Então um pouco palavras gerais, aquilo que você quiser ressaltar, para a gente fechar essa gravação.

C.R. – É aquilo que eu falei, a torcida é um bem. E como a torcida foi feita para incentivar os times e, depois, mesmo na época da fundação dos Gaviões, e a Camisa 12 tem a mesma origem, nesse conceito de fiscalizar a administração, colaborar com o clube – no caso, o Corinthians – eu acredito que está faltando mais foco em discussões do clube. Em termos de violência, eu acredito que, se continuar proibindo, proibindo, proibindo, você só vai incentivar cada vez mais ter essa violência. As bandeiras nunca fizeram mal a ninguém. As bandeiras sempre foram um espetáculo. A bandeira era um artifício que você tinha na torcida para ficar discutindo lá, durante a semana, que tipo de bandeira ia fazer, que tipo de entrada de bandeira você ia fazer no estádio, que tipo de evolução você ia fazer junto com a bateria, que tipo de canto que você ia fazer junto com a... Enfim, você tinha assuntos relacionados à festa do futebol. E eu gostaria... É lógico que existem vários companheiros que continuam discutindo o clube, mas isso tem que ser prioridade. Mas uma discussão que seja a essência, não só de reivindicar direitos para a torcida organizada. Porque quando as torcidas organizadas resolveram ser estatutariamente formadas, legalizadas, um dos maiores interesses foi defender o torcedor, não só os torcedores da organizada. Porque, com essas novas arenas que surgiram no Brasil, existe um perigo muito grande, e isso já está acontecendo, de o futebol se elitizar, e 70 a 80% da população brasileira não é elite nem passa perto disso, e esse pessoal, muitas vezes, a única coisa que eles têm é o futebol, e se você tirar o futebol deles, vai tirar muita coisa. Então, essa luta por esse povo, essa luta para a volta da identificação, pela qual foram criadas as torcidas – e no caso, falando de Corinthians, a Camisa 12 e os Gaviões foram criados com esse objetivo –, voltar às origens. Não que falte... [Não] que quem esteja nas torcidas não queira o melhor para elas, mas talvez esteja faltando focar mais nisso. E será resolvida muita coisa. E as autoridades pararem de tratar torcedores como bandidos, que torcida é tudo bandido. Não é, não. A maioria que está lá gosta dos clubes. Deixa os caras fazerem as festas, deixa as bandeiras voltarem. Ninguém... Põe regulamento. “A bandeira atrapalha a visão na hora do jogo.” Em certos locais dos estádios, libera, e quem vai sentar lá já sabe que é assim. Você vê o jogo da Alemanha, aquele Borussia lá, aquela parte de trás lá é só para bandeira. Onde a televisão vai buscar imagem, quando quer...? Vai buscar naquele torcedor...? [bate palmas desanimado] Ou

vai buscar na...? Hoje, até hoje, a Globo... as televisões anunciam jogo, vão buscar bandeira lá de trás. Essas imagens que nós falamos aqui, do Maracanã, da invasão, isso nunca mais vai se repetir. Eu falei de outros jogos aí, o Maracanã era uma festa do estádio todo...

B.B. – Era um mar de bandeiras.

C.R. – ...o Mineirão... Agora, é isso que... A gente vai ter que falar do Morumbi. Então eu, que sonhei sempre com o Corinthians tendo estádio, a gente tem um estádio que não tem festa? E a torcida do Corinthians – desculpa puxar a sardinha para a torcida do Corinthians – sempre soube fazer lindas festas, sempre soube fazer... E a gente fez um estádio que o camarada vai lá para tomar uísque ou se ver no espelho. Não. Toma seu uísque, é um direito de cada um, mas deixa a festa voltar. É essa pregação que eu tenho. Estou com 60 anos, não vou liderar mais nada nisso, mas eu quero pelo menos ter o direito de expor a minha opinião, e essa é a minha opinião sobre as torcidas hoje e sobre esse momento que vive o futebol brasileiro.

A.B. – Vila Maria, uma curiosidade: a sua família foi o Camisa 12? Ou você conseguiu... Você chegou a ter tempo, disposição...?

C.R. – Eu tenho um filho. Inclusive ele dá aula na Universidade Federal do Rio, agora.

B.B. – A UFRJ?

C.R. – É. Ele entrou agora, no concurso. Foi concursado. Comunista.

B.B. – Em que área?

C.R. – Parece que é economia. Porque ele é formado em geografia na USP, mas depois fez doutorado e mestrado em economia, geografia econômica. Ele tem dois livros e vai lançar o terceiro sobre a China. De China ele entende, ele já esteve lá, e entende muito. Em muitos simpósios aqui no Brasil, ele é chamado. E você falou da minha família, eu tenho quatro gatas e um gato. Adoro aqueles bichinhos lá! Não dá para ter cachorro porque eu não fico em casa.

Estou morando sozinho agora. Porque cachorro, você precisa dar mais atenção. O gato reclama, mas se vira. E são tudo corintiano.

A.B. – Muito obrigada. [palmas]

B.B. – Palmas. Muito obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]